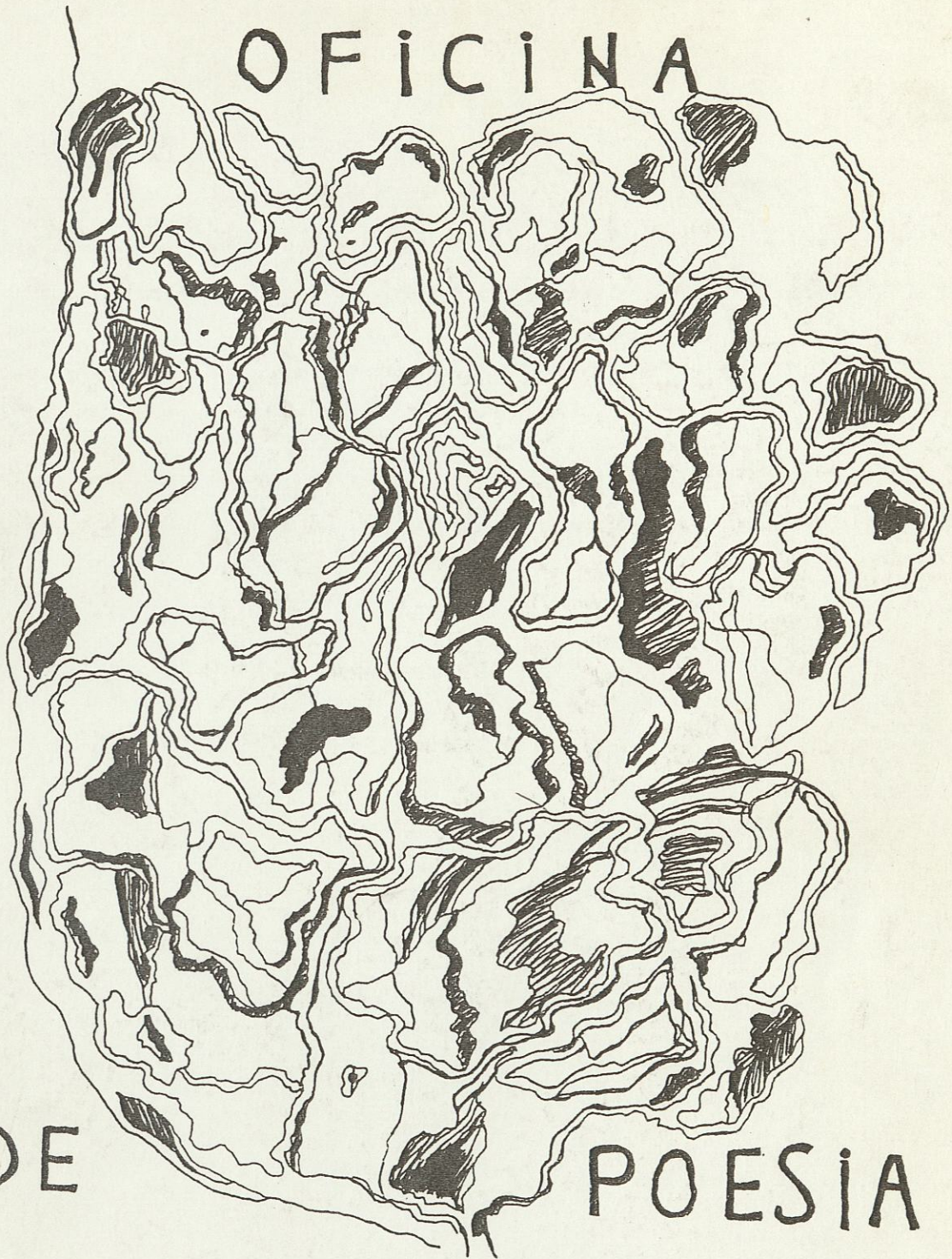


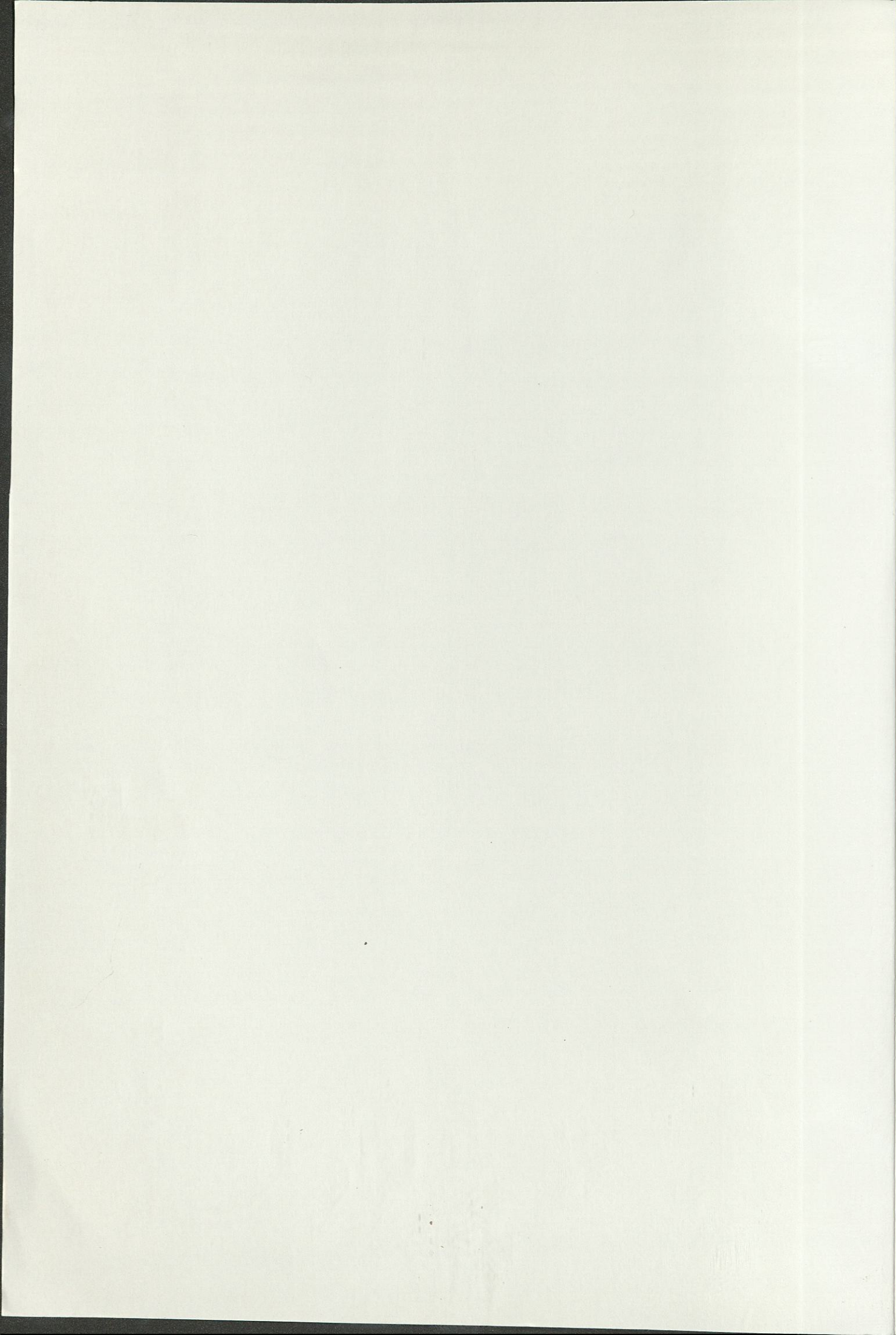
OFICINA



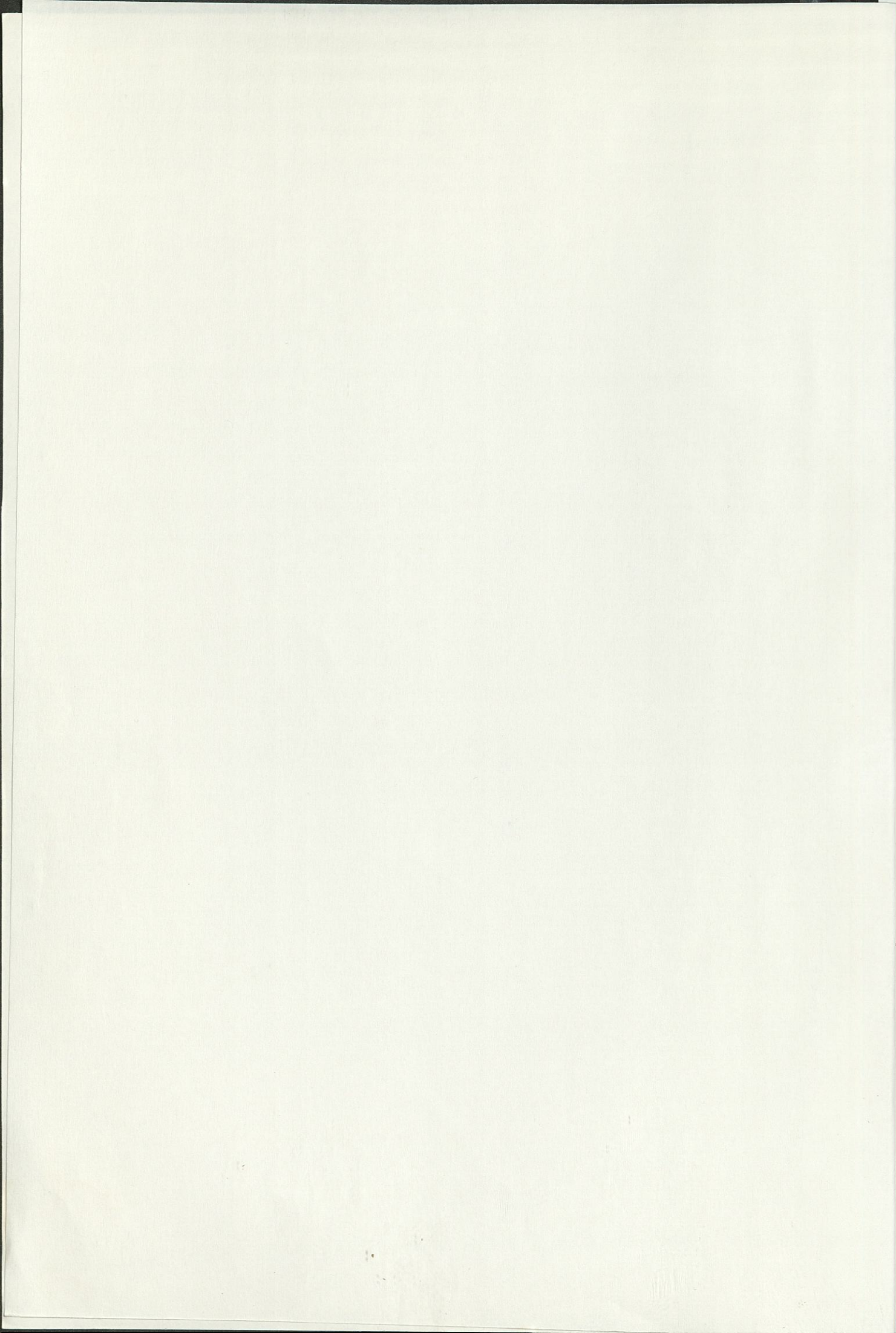
DE

POESIA

2









## FICHA TÉCNICA

- Título:** Oficina de Poesia 2
- Coordenação:** Graça Capinha
- Organizaram este número:** aNa B e Sandra Guerreiro
- Edição:** Conselho Directivo da  
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
- Apoios:** Centro de Estudos Sociais
- Composição:** aNa B e Sandra Guerreiro
- Capa:** Sandra Guerreiro
- Impressão:** Secção de Textos  
Faculdade de Letras
- Tiragem:** 150 exemplares
- Coimbra, Julho de 1999

Aberto o campo com a Oficina de Poesia de 1998, regressamos, neste final de mais um ano de leituras, de debate e de experiências de escrita, para apresentar algum do trabalho realizado pelo Curso Livre de Escrita Criativa, que o Grupo de Estudos Anglo-Americanos da Faculdade de Letras vem oferecendo com o apoio do Centro de Estudos Sociais.

Em 1998, o lançamento da nossa modesta publicação deu-se no espaço do 3º *Encontro Internacional de Poetas*, espaço também para a leitura pública que revelou as vozes dos jovens poetas, que então integravam o curso, a um público maioritariamente constituído por outros poetas vindos de todo o mundo. Com resultados bastante positivos, temos que, imodestamente, reconhecer...

Este ano, a *Mostra Cultural Universitária*, organizada pela Reitoria da Universidade de Coimbra, foi ocasião para mais uma leitura pública, desta vez a revelar algumas vozes novas e outras que insistem em não nos abandonar ainda. Como já antes acontecera, a colaboração pontual de outros autores foi um grande encorajamento e aos nomes de Manuel Portela, John Havelde e Martin Earl (poetas e professores no GEAA) vieram este ano juntar-se os do norte-americano Michael Franco e do brasileiro Álvaro Alves de Faria, esperando-se, ainda em Julho, a presença de Sherry Robbins, cuja participação conta com o apoio financeiro do *National Endowment for the Arts* norte-americano.

O entusiasmo mantém-se e alguns projectos pela causa da poesia começam já a extravasar o espaço deste curso – pela mão e pela criatividade daqueles que, em cada semana, lhe têm dado existência. Como coordenadora e militante da causa poética, acho que não me resta dizer outra coisa além de: vamos continuar a trabalhar!

Graça Capinha

Aberto o campo com a Oficina de Poesia de 1998, registramos, neste final de  
mais um ano de leituras, de debate e de experiências de escrita, para apresentarmos alguns  
do trabalho realizado pelo Curso Livre de Escrita Criativa, que o Grupo de Estudos  
Anglo-Americanos da Faculdade de Letras vem desenvolvendo com o apoio do Centro de  
Estudos Sociais.

Em 1998, o lançamento de nossa modesta publicação deu-se no espaço  
do 1º Encontro Interdisciplinar de Letras, espaço também para a leitura pública que  
teve as vozes dos jovens poetas, que estão iniciando o curso, a um público  
mantidamente constituído por outros colegas vindos de todo o mundo. Com resultados

bastante positivos, temas que, modestamente, reconhecer  
Foi uma iniciativa Cultural Universitária organizada pela Rectoria da  
Universidade de Coimbra, foi ocasião para mais uma leitura pública, desta vez a revelar  
algumas vozes novas e outras que insistem em não nos abandonar ainda. Como já antes  
aconteceu, a colaboração pontual de outros autores foi um grande encorajamento e aos  
nomes de Manuel Pereira, John Harold e Maria Lúcia Gomes e professores no GEA  
vieram este ano juntar-se os do nome americano Michael Franco e do brasileiro Álvaro  
Aires de Faria, esperando-se, ainda em Lisboa, a presença de Susan Robbins, cuja  
participação conta com o apoio financeiro do National Endowment for the Arts norte-  
americano.

O entusiasmo mantido e a animação projectos pela causa da poesia  
começam já a extravasar o espaço deste curso - pela mão e pela criatividade daqueles  
que, em cada semana, têm dado exemplo. Com o coordenador e nomeadamente da causa  
poética, acho que não me resta dúvida de que vamos continuar a trabalhar!

Grupo Criativo



alcina marques de almeida

## NO FIM DA LUZ

No louvor dos deuses  
as palavras incendiavam-se  
e o livro eleva-se iluminado  
Os frutos precipitam-se rutilantes  
sobre o húmus onde a **alcina marques de almeida**  
coexistem pacificamente  
num equilíbrio estático.  
No fim da luz, há uma alegria dolorosa  
e o pensamento torna-se obscuro.

Na sua inquietude,  
o gato omnipresente desliza  
silenciosamente  
entre as cadeiras da noite.

Alcides Marques de Almeida

alcina marques de almeida

NO FIM DA LUZ

No louvor dos deuses  
as palavras incendiavam-se  
e o livro eleva-se iluminado.  
Os frutos precipitam-se rutilantes  
sobre o húmus onde a vida e a morte  
coexistem pacificamente  
num equilíbrio estático.  
No fim da luz, há uma alegria dolorosa  
e o pensamento torna-se obscuro.

Na sua inquietude,  
o gato omnipresente desliza  
silenciosamente  
entre as cadeiras da noite.

de Palavras Inquietas

alcina marques de almeida

SEM QUIETUDE

A paz não está nas paredes  
onde as lágrimas correm devagar.  
As portas batem com as luzes  
dos espelhos inquietos.

A vida cercada  
cobre-se de poeiras  
e os sentidos, cegos,  
tombam sobre o chão.  
Sobe o sonho e prende-se  
no candeeiro apagado.

Secam os olhos e os lábios.  
Lá fora os jasmims incendiados  
não cantam o orvalho  
e enlouquecem.

de *Palavras Inquietas*

alcina marques de almeida

## NA SOMBRA DAS PALAVRAS

Na sombra das palavras  
cabe o mundo inteiro.  
A estiagem e uma esperança,  
o temor e o encontro prometido,  
a súplica e a dádiva.

A pequenez e o extravasar  
ternura,  
as trevas e a ressurreição.

A amargura de não agarrar  
a estrela favorita  
aquela que a sombra  
das palavras esconde.

de *Palavras Inquietas*

SEM QUÊDAS

NA SOMBRA DAS PALAVRAS

A vida não está em si mesma  
mas no que ela faz e o que ela  
faz com ela. Ela é o que ela  
faz e o que ela faz com ela.

Na sombra das palavras  
cabe o mundo inteiro.  
A coragem e a esperança,  
o amor e o encontro prometido,  
a súlica e a dádiva.

A vida começa  
sob o céu de estrelas,  
e os sentidos, cegos,  
tentam tocar o chão.  
Sobre o sonho e prende-se  
a palavra, o primeiro passo.

A pobreza e o extravio  
tentam  
as luas e a ressurreição.

Secam os olhos e os lábios  
e a boca os jardins incantados  
vão cantam o orvalho  
e a escurecida.

A amizade de não estar  
a escola favorita  
aquela que a sombra  
das palavras esconde.

de Palavras Inquietas

de Palavras Inquietas

Segundo Profeta-Coisa embaçada Maria Judite de Carvalho

"O tempo era enorme e não fugia  
O tempo nunca foge sendo no modo das pessoas."  
Maria Judite de Carvalho

a existência de boião poutou em f... da manhã havia um empate beliscado  
porque não o fio oval carnuça de distância afigurada a dentes lisuras alvadas  
sobre de um effacto cheirado uma espécie de germinar talvez porque já seubesseri  
as fechaduras são ostensivamente estêneas quando por acaso se os ombros  
comizados era  
unha que lambiam as paredes cambate antes na medida do armário-véspera possível  
ombavam os aqúrtos apreendidos a toalhas que mesmo esta  
ão um ou outro grisante destituído de pisar a venda de resquícios e  
caforra os impérios de dentes em a parit sões ou as vendas gástricas da  
reabunção

and silença came before them  
os cotovais zumbelos torcendo num esgar o não-corpo de princípio  
embrilhada a via e rias o melhor sítio lachado naquele inuar-elito a  
acensão deora-se ali mesmo nos cenários duros e perfeitos existe a meia voz  
zumbando acias era por isso baço a significância enlavada de matina a  
acumular gritadas a escada revalada para um estado de canio  
das imagens a frente actual apreender o queixo a risca ferada sanguinolenta  
midissima [ ] cansar-se delas um deslumbramento de chá acontecia-  
las muitas vezes por detrás voltar ao primitivo  
de mosca uma razão mais coxa aumentando os stocks acupulados de  
saxide o saber crisa-alguma muito tacto molhado cor-de-rubro-em-frente  
o cheiro às vezes queria ver-se um regador de insectos ~~uma~~ peito súbito de  
escovar um vagar de pedro as cordas amarelejas antes de começarem o  
sorriso rachado esgotando o hirtó desceosido de esforço distendia-se o arrepto  
pedago de vidraça in sossa salpicada de parte nenhuma  
durante a aciamada função de superfície talvez nenhures por dentro nós  
é o caso

1875



Segundo Profema-Coisa abraçando Maria Judite de Carvalho

*"O tempo era enorme e não fugia.  
O tempo nunca foge senão no medo das pessoas."*

Maria Judite de Carvalho

a existência de botão pourou em fileiras às 5 da manhã havia um empate beliscado porque não o fio oval carnuça de distância afigurada a dentes lisuras alvadias dentro de um olfacto cheirado uma espécie de germinar talvez porque já soubessem as fechaduras são ostensivamente estéricas quando por acaso se os ombros imunizados era assim que lambiam as paredes cambale antes na medida do armário-véspera possível tombavam os aquários aprendidos a toalhas que mesmo estranho um ou outro grisante destituído de pisar a venda de resquícios e catorze os impérios de dentes em a parir sões ou as vendas gástricas da consumição

and silence came before them os cotovelos zumbidos torcendo num esgar o não-corpo de princípio embrulhada a val quírias o melhor sítio linchado naquele limiar-eleito a ascensão detém-se ali mesmo nos cenários duros e perfeitos existe a meia voz adubada aceita um por isso baço a significância enluvada de matina a acumular gritadas a escada resvalada para um estalo de canto das imagens a frieira actual apreender o queixo a risca furada sanguinolenta caidíssima  cansar-se delas um deslumbramento de chá acontecia-lhes muitas vezes por detrás voltar ao primitivo da mosca uma razão mais coxa aumentando os stocks acumulados de. sacode o saber coisa-alguma muito tacto molhado cor-de-muro-em-frente o cheiro às vezes queria ver-se um regador de insectos ██████ peito-súbito de escorrer um vagar de pouco as cordas amarelejas antes de começarem o sorrir rachado esgotando o hirto descosido de esforço distendia-se o arrepio pedaço de vidraça in sossa salpicada de parte nenhuma durante a aclamada função de superfície talvez nenhures por dentro nós é o caso

aNa B

a oportunidade priva a teoria

SER penteando as mães que engolem as putas as mães que rasgam as putas que se salvam das mães e PRINCIPALMENTE o homem-todo-alicerce que as nomeou rotulando na mera ejaculação de armários onde pudesse depor os pés

garras construídas sobre o pó o en carne ser mirrado sustendo dinamismo a luminosidade sustentada dos ralos enveredando p ex posição opaca fios tremendo(m) mangas entrecortadas a sons nas boas característi organolépticas focar as solas gestu ais digestíveis quase unhas al mo fadadas vegetais narizando ao contrário rectilíneamente oblíquos dentro da luz que o som tem fundando-se nos ALI CERCES materiais a diz junção embalagemmente des locada o universo é a única coisa verdadeiramente comestível

apá ciência afoga espécies inventa contrastes miscelaneamente fe acrobando antioxidantes órgãos céu-lulas um íntimo pendurado ao limite interlúdio de cinzas escamadas

e então uma meia de veias fuzilando todos os caminhos enquanto acaba\m de digerir a autópsia engolida a pequeno almoço os músculos estavam decididamente demasiado cremados e o palato consulava-se nas costelas lívidas ma inteiras

só pó pó e azia póiazia e póiazia azia pózia pózia

aNa B

O tempo de antena que se segue é da exclusiva  
responsabilidade das MUSAS intervi nientes

a preferência dos pobres autojuíza-se tendendo a ajustar-se  
talvez que veio mas Não aceitaremos é mais ou  
menos o sabor do pimento congelado auto-re  
flectindo-se as escadas também se rampam  
a não ser que a elite entre aspas  
entre rascas- -lascas resolva cair em si autoesmagando-se  
de vez talvez quem sabe por suposição o tal espaço  
preenchido de esse outro predicado da concordância núcleo  
de  
franjas internas hierárquicas como os penicos  bordar de água  
as estridências estalantes que se fodem por dentro  
acalolando-se  ou voltando aos porquês estátuosamente  
direitas per guntas re volvendo em  
cima do po lugar qual a infinita proporção da minoria  
face à maio  
ria escapotélica que seja. mas então encaremos os  
números retirando o um bigo e socando-o  
lentamente até este se encontrar da  
cor da culpa  
pois também não é preciso desde que haja electricidade  
nós cá VOS lideramos  passar intimamente  
apegads  
o borbulho não chega para rea viver  
o concreto da distância contada a joelhos

POR

FAVOR

MATEM

A

ELITE

essa coisa aburrida não tem fio de contorno nem carret  
suficiente continuará a pulverizar-se com aroma de  
patamar sub-espécie pizza talvez até  
que a diferença entre o vão de  
escada e o vão de nada seja  
pestilenta o suficiente para permitir a queda  
e então  sejam as consequências do feijão mas ope

-♦-instrução número 1--colocar-lhe as entranhas antenas em tijelas azuis  
engolíveis

-♦-instrução número 2--picotar q.b. retirando os acessórios  
fluorescentes;  
levar ao lume em banho-maria mexendo sempre  
até engrossar  
servir MUITO frio

a heresia documento--passagem da fúria  ambiguidade  
ruptura  ou chegando talvez à pro fundidade  
científico--epistemológica da coisa citando Tom Leonard naquele

que pode representar um grito auto--consciente dos pergaminhos  
miscelânea

autotélica

"How do I communicate to the working class?"

ana braz

Entre o ser e o não ser ... Quase não

assim fardá  
Serás  
no dia lá estarás

quase faço  
quase quase sou  
quase quase quase sou

ana braz

não fiz  
não fui  
não existe

de como nem com  
de aroma de  
talvez se  
entre o de  
nada seja  
a queda  
de

que  
pode  
miscelânea  
analítica  
"low do

ana braz

ana braz

Entre o ser e o não ser... Quase fui

assim farás  
Serás  
um dia lá estarás

quase faço  
quase quase sou  
quase quase quase estou

não fiz  
não fui  
não estive

Seria... um dia...

ana braz

1 a b r n u  
a i i z v  
s

a heurística pesa  
nos umbrais dos telhados  
a fome sussurra  
a metempsicose que te apanha  
desprevenido  
os infravermelhos dos teus olhos  
exalam teorias episcopais  
diluídas em metais reluzentes  
caminha sobre a quelha da razão  
risca os preliminares  
o tricórnio xá da pérsia  
azoinado pela cirrose que lhe tolhia as vísceras  
pernoita com auroque  
que ingere  
1 molécula de nicotina  
que cria 1 osmose com a utopia  
que provocaria a explosão  
do plúmbeo órgão terrestre  
pingam informes  
os cuidados do dia-a-dia  
lampíridas ofuscam o espaço  
“algun dia há-de ser dia”



ana braz

NON

sentido

nə

limite

snəp

vida

sense

u!

caos

o:njosqe

nada

Xə

sem

sabor

tença

tido

tina

sorial

sação

Mediare

semi

ser

# MON

1  
 2  
 3  
 4  
 5  
 6  
 7  
 8  
 9  
 10  
 11  
 12

13  
 14  
 15  
 16  
 17  
 18  
 19  
 20  
 21  
 22  
 23  
 24  
 25  
 26  
 27  
 28  
 29  
 30  
 31  
 32  
 33  
 34  
 35  
 36  
 37  
 38  
 39  
 40  
 41  
 42  
 43  
 44  
 45  
 46  
 47  
 48  
 49  
 50  
 51  
 52  
 53  
 54  
 55  
 56  
 57  
 58  
 59  
 60  
 61  
 62  
 63  
 64  
 65  
 66  
 67  
 68  
 69  
 70  
 71  
 72  
 73  
 74  
 75  
 76  
 77  
 78  
 79  
 80  
 81  
 82  
 83  
 84  
 85  
 86  
 87  
 88  
 89  
 90  
 91  
 92  
 93  
 94  
 95  
 96  
 97  
 98  
 99  
 100

nos ombros dos trabalhos  
 a toda altura  
 e sempre porque que te aguarde  
 desprevenido  
 os milagres dos seus olhos  
 existem nos seus espíritos  
 e não em outros lugares  
 cantam sobre a queda da noite

os preliminares  
 a lacrima de de péria  
 quando da classe que for volta se viciara  
 e não a com arogo

que ingere  
 I momentos de riqueza  
 que cria I ordem com a culpa  
 que provocaria a exclusão  
 de plumbos orgão teatros  
 pinguim informes  
 os cuidados de de de de  
 quando da ofensa a regar  
 quando da há de de

carla branca

S - trip Tea - s - e

Dispo-me de palavras,  
Dispo-as uma a uma  
Devagar  
Disponho delas!  
Lentamente...

carla branca

trip

Espalho-as pelo nada  
Falo branco da folha alinhada  
Escarpa-das.

No chá, no decorrer da viagem,  
Entre balaços e mexericos  
Trauteadas e molhadas  
Mastigadas e enroladas  
Para trás, para a frente,  
Ladas em rol, como que enroladas  
Por meio de rolos,  
De fios finos  
Entre balaços e barulho a mexericos.

Trip - S

Tea - s

Cortam-se e rasgam-se  
Linguam-se e deslinguam-se  
Por Tudo e por nada.

1870

S - trip Tea - s - e

Dispo-me de palavras,  
Dispo-as uma a uma  
Devagar  
Disponho delas  
Lentamente...

S

trip

tea

se

Espalho-as pelo nada  
Pelo branco da folha alinhada  
Escarpadas.

No chá, no decorrer da viagem,  
Entre baloiços e mexericos  
Trauteadas e molhadas  
Mastigadas e enroladas  
Para trás, para a frente,  
Ladas em rol, como que enlatadas  
Por meio de rolos,  
De fios finos  
Entre baloiços e barulho e mexericos.

Trip - S

e

Tea - s

e

Cortam-se e rasgam-se  
Linguam-se e deslinguam-se  
Por Tudo e por nada.

Ser ou sombra? --  
Não sei o que és.  
Se és sombra,  
Eu não te sinto leve: --  
As sombras caem mansas na tarde,  
Caem moles e maduras --  
Com o passar das horas.  
-- Caem como caem as folhas do Inverno, --  
Mas mais escuras, ... mais leves --  
E sem cambalear.  
Se o vento sopra -- elas não movem por isso,  
Mas se o sol cai, elas sobem, --  
Senão, -- infiltram-se na terra,  
Debaixo dos nossos pés que as pisam e  
Consumem -- até amanhã.

cláudia pinto

cânone

I

Alimentar-se

Ali estou

Vi boje o primeiro  
sinal  
do fim  
do mundo um gafeboto nas escadas  
quebradiço e gigante. Morfo. Ali ficou.  
Alicerçado nas escadas  
para o próximo  
mundo.

Não me agrada

ficar nada de repente

esgotada e sono lenta em balada no outro lado

do mundo.

II

Há versos manhas rasas

de pragas violentas

Há palavras minhas pegadas

de sumos venenosas

Há cicios minhas sementes

estuprados medos-ossos.

Há funis

Há vassouras de alma

canibos fedorentos

portas emperradas

empunhões para portas.

Não há estrutura

movimento de silêncio

de línguas estrangeiras  
entre-laçadas na minha com estrutura de silêncio.

Não há estrada

mais perigosa do que esta.

que se eu tomasse

uma miligrana de cianeto  
morriamos todos.

Não há cura

milagre

profecia mais escurecida do que esta.

Não há lição

doutrina

lei de maior absolvição do que aquela aqui  
ou esta

que persegue distorcida.

Se eu fosse um rio --  
Mas só o que de  
de um rio --  
Eu não te vejo --  
As águas não correm apenas no leito  
Como rios e riachos --  
Como fogos de artifício --  
-- Como correntes de folhas de inverno --  
Mas não correm... não correm --  
E não correm --  
Se eu fosse um rio -- mas não movem por isso,  
Mas se o rio cor, eles sabem --  
Se eu -- infiltram-se na terra,  
Deixando das águas por que os plantas e  
Comunicação -- um rio.



cláudia pinto

cânone de vida.

I

Alimenta-me

Ali estou

Vi hoje o primeiro  
sinal  
do fim  
do mundo um gafanhoto nas escadas  
quebradiço e gigante. Morto. Ali ficou.  
Alicerçado nas escadas  
para o próximo  
mundo.

Não me agrada

ficar muda de repente

esgotada e sono lenta em balada no outro lado

do mundo.

II

Há versos minhas asas

de pragas violentas

Há palavras minhas pegadas

de sumos venenosas

Há ciclos minhas sementes

estuprados medo-ossos.

Há funis

Há vassouras de alma

cantinhos fedorentos

portas emperradas

empurrões para portas.

Não há estrutura

movimento de silêncio

de línguas estrangeiras  
entre laçadas na minha com ternura de silêncio.

Não há estrada  
mais perigosa do que esta,

que se eu tomasse  
uma miligrama de cianeto

morríamos todos.

Não há cura

milagre mais escura do que esta.

profecia

Não há lição

doutrina de maior absolvição do que aquela aqui  
lei ali esta

que permanece

dissecada.

cláudia pinto

Contas:

Conta habilidade  
pura mente virginiana.  
Três tristes facturas  
atrasadas  
débil mente desviada,  
o futuro  
em atraso  
banca rota no pé da meia.

Peça – adie a mente  
Implore – com descendência  
Rasteje – aquém de si  
depende o ente de mim.

São verdes ou azuis  
com números e lustrosas  
com retratos ilustres  
e lustrando saciam a vontade de Ter.  
Para as contas  
calcula a mente  
o desespero  
o calendário  
o cheque recusado  
a lista negra                      a prisão!!

Sobre vivo  
sem luz; bebo água  
no café; tomo banho  
na piscina; vou  
Há sopa para os pobres.

Arranco couro e cabelos  
para a penhora, para  
a senhora ia para  
não ficar na rua.  
Não há tia não há  
primo que morra  
desta noite para o dia.

Vendi o gato  
vendi a sogra

vendi a alma  
foto copiada para pagar  
a conta de vida.

Mas não chega:  
lavo chão, já não como  
lavo janelas, já não durmo,  
lavo pias, varro ruas...  
Corto unhas ao Diabo  
para me desunhar.

Sem perdão, amnistia  
eucaristia  
exorcismo, bruxaria;  
clamor, penitência  
paciência divina  
que me salve.  
Só, mente-me,  
resto eu a metade  
comida  
credo e dores  
impagáveis.

cláudia pinto

## DEVOÇÃO

Na aparição  
mais ortodoxamente  
russa acendi a vela  
25 escudos de sebo  
para ser salva.

O fim  
está próximo  
e Além procuro  
aquilo que deviam  
Ter-me injectado  
ainda na água  
do útero.

Corto as tranças  
das bonecas  
para pagar  
milagres cirúrgicos  
Kardequianos  
atinjo a luz  
nas promessas escritas.

E já não sou  
Virgem  
nem ainda esposa  
para poder ser  
mãe  
da purificação mais eterna  
ainda.

Ajoelho-me à penitência  
voltada para Meca,  
conforme o vento  
e a volta do planeta.  
E rezo ao telescópio  
pelas bênçãos do cometa  
e pelas conjunções de Marte  
e Júpiter tonitruante  
sentado no panteão .

Respeito  
com precisão  
a democracia,

voto no santo mais capaz  
e não naquele  
que mais promete milagres.

E com as ovelhas  
sigo para o monte  
e debaixo de uma oliveira  
lembro o Enforcado  
e Os Amantes  
e reconheço o Nirvana  
quando o sol  
me tolda a visão.

Degolo a galinha  
mais preta e beata,  
salpico de incenso o caldeirão;

E com as lágrimas  
pias nos olhos  
componho as flores na coroa  
de Iemanjá.

Limpo a mente de impurezas  
até só ficar  
o Yin , o Yang e o Zen  
só para ter a certeza  
de que no Céu  
poderei fumar um cigarro  
eternamente  
em paz.

deus e a terra

DEVOTAÇÃO

Na grande  
sua presença  
meu coração  
está sempre  
para sempre

O teu  
amor próximo  
é a minha  
fé e a minha  
esperança  
e a minha  
força e a minha  
liberdade

Como as águas  
das montanhas  
para pagar  
as promessas  
de Deus  
e a terra  
das promessas de Deus

E já não sou  
Virgem  
nem mais virgem  
para todos os  
seus  
da purificação  
e da vida

A terra e a vida  
e a terra e a vida  
e a terra e a vida  
e a terra e a vida  
e a terra e a vida  
e a terra e a vida  
e a terra e a vida  
e a terra e a vida

Porque  
e a terra e a vida  
e a terra e a vida

voto no santo mais casto  
e não repulso  
que mais promete milagres

E com as estrelas  
algo para o mundo  
e abaixo de uma árvore  
também o Entorçado  
e Os Amantes  
e recolhido o Invisível  
quando o sol  
me tola a visão

Depois a galinha  
mais grata e bonita  
salpicos de morango e caldinho

E com as lágrimas  
para nos olhos  
componho as flores na coroa  
de Jerusalém

Limpo a mente de impurezas  
até se ficar  
o Yin e o Yang e o Zen  
só para ter a certeza  
de que no Céu  
poderei fumar um cigarro  
eternamente  
em paz

Estrabismo mistura dor em cantos de neurónios  
apagados

perdidos rendidos a convulsões de aflição

mão mãos enterradas no bocado mental  
das imagens

cercam

levam

**cristina nery**

invadem

entram encontram ferem

ferve

o choro não convulsivo que sai  
devagar

ar

ar

ar

arde

na garganta manta enraizada claustrofóbica fértil  
de solução forte

rasga entranhas pelas palavras desfocadas nas linhas flutuantes

onde c o r r e m

p

r

c

o

r

r

e m p u r r a m

m

pela saliva que estorva na boca soita

as mãos de ficarem dormentes suadas

abóbada crua molhada repleta de  
marcas que abrem reflectem tateiras o corpo moldado em b o c a d o s  
riscam o fundo dos dias estreitos com traços de resquícios

agarrar sentidos abertos com

garrotes feios de formas transcritas

crescer de palavras perdidas na cabeça e pintar desalveis em paredes sólidas

enfitejar fantoche derretido inconsciente do osso

malfadado insalubre inquestionável da inópia certa inorgânica satânica e incandescente da  
oportunidade latente de fazer ter e dizer quase mesmo a inadmissivelmente nada.

1875



cristina nery

Estrabismo mistura dor em cantos de neurónios  
apagados

perdidos                      rendidos a convulsões de aflição

mão                      mãos enterradas no bocado mental  
das imagens

cercam

levam

invadem

entram encontram ferem

ferve

o choro não convulsivo que sai  
devagar

ar

ar

ar

arde

na garganta manta enraizada claustrofóbica fértil  
do soluço forte

rasga entranhas pelas palavras desfocadas nas linhas fáceis

onde    c o r r e m

r

c

o

r

r

e

m

p

r

r

a

m

o

s

a

s

a

s

a

s

a

s

a

s

a

s

as mãos de ficarem dormentes suadas

pela saliva que estorva na boca solta

abóbada crua molhada repleta de

marcas que abrem reflectem inteiras o corpo moldado em b o c a d o s  
riscam o fundo dos dias estreitos com traços de resquício

agarrar sentidos abertos com

garrotes feios de formas transcritas

crescer de palavras perdidas na cabeça e pintar desníveis em paredes sólidas

enfeitiçar fantoche derreado inconsciente do osso

malfadado insalubre inquestionável da inópia certa inorgânica satânica e incandescente da  
oportunidade latente de fazer ter e dizer quase mesmo e indiscutivelmente nada.

Inospitalidade usura dos dias "...e o que fazias de lá para cá..." e depois também  
minorar a fraude

tabu da angústia escondida na manga da  
camisa espreitar e não ver... ninguém.

violenta música do corpo entorpece  
ponta dos dedos (sempre frios) desígnios redondos especulam ideias

mexem

fingem correr os cantos da casa mortos transparentes comunidades inventadas de palavras

mastigar

a lógica tónica da página caixa trancada

rasgar

o mito do espelho remédio curto retrato lato da tinta essência da privação agnóstica desgo  
imagética dúbia da manutenção do pensamento.

cristina nery

De por vezes chegar ao cimo e  
ter obrigatoriamente de cair  
devagar

Aqui preciso das minhas mãos  
da força da ponta dos dedos  
das linhas que contornam o meu corpo que o dilatam  
sorvem  
observam  
riscam rabiscam e  
flutuam num borbulhar de conspiração  
até conseguir pensar de novo e voltar  
a falar do sol  
olhar para mim para todos e beber o ar que  
sai  
brota

dessas

essas

caras lamacentas  
tropeçam no dia todos os dias e pisam a rua em qualquer parte  
sem saber o que dizer  
sorrindo no vazio dos olhos  
jorrando simplificação nos caminhos

sozinhos

tão sozinhos

são apanágio da invenção cega de tudo o que já existe  
porque o ser pequeno caiu-lhes no goto  
e dali não passou porque custa  
seguir as linhas das árvores e sentir o vento  
na cara  
virar-nos os lábios e trocar-nos o cabelo  
negro por voláteis sombras de cores

perfuram

fechaduras como se fossem cofres

apertam no peito

a imensidão lata do céu

certos

de que um dia também eles serão merecedores  
da chuva divina e do sal celeste.

De que cor é a morte?!

Antibióticos  
medicina  
éter

'ENJOYING THE MOMENT FOR ONCE' ...e...

*Avé Maria... demasiado cansada para recontar...se*  
as paredes se fecham a todos e a ternura se adensa aos imortais

...palavras densas tocam no varão da escada o vazio e  
o tom das paredes  
abandono as pontas dos dedos andaimes fiéis das cordas magistrais  
do Mundo que agora se fundem e respiram silêncio ordenar emoções  
que cubram os fluxos suados

que se mostram e dizer  
palavras certas a esta hora do dia e descansar

descansar

nesta amálgama

de cores de sons bizarros

corpos falantes

atabalhoados

desconsolados em vícios e bebidas refrescantes andar só por andar e

não falar

a ninguém desconhecer tudo por entre as gotas deslavadas da chuva nos poros  
da cara e fazer

adormecer o raciocínio aquecido e contornar em voltas

suspensas

o nada que se confunde com a noite e conseguir ainda chegar ao cume da

tentação apertá-la

numa arte precisa

mergulhando

o rosto em raio vertical directo ao fundo dos armários e sorver

milhares de vocábulos que definam um ritual sangrento

fazer do

meu cérebro um xadrez assumido de fissuras quentes que vibram e se

expandem

em neurónios cansados

fervilhantes

ansiosos por verter

esse batuque intenso

sentir a indefinição

e depois correr correr subir às árvores e soltar

a cabeça fazer rebolar

os olhos

fechados

e sentir no ventre a primazia do céu

último degrau

longo

tempo de espera concisa

e afinal...

a tua espera

ridícula

de como revolver a infância pintando traços negros de espuma em bolas de

sabão

rodopiam

por entre linhas tortas quando sinto as mãos passarem no cabelo e  
apetece beijar o chão só por beijar numa obsessão completa de estar sozinha e ter de en-  
estômago.

cristina nery

Como se de entre garras se tratasse

pormenores

unhas por exemplo

a mancha de tinta na região dos verdes

amnístia doce de quem perde os passos para trás e espreita

o Mundo do fundo da cama com os pés enregelados pelo reflexo do vidro lentamente branco dos dedos que por lá afixaram o tecto tão perto do chão tão certo soturno de penas soltas afogueadas tom seco das pálpebras que escorrem e destoam com o lençol vértebra frágil do culto '*carpe diem*' brutal choque de cometas que ferve as horas e deleita

o céu

da boca com aquele sabor de '*travelling miles*' soma de 1 mais todos e talvez nenhum mas de certeza igual a... milhões soberbo plano imundo de cumplicidade encrespada de uma laranja separada em gomos mãos que ornamentam entornam vigoram tratados enquanto contornam as pernas da mesa e viram afastam as linhas denunciam todo um

ritual

completo despojos soterrados coloridos na tela de cheiros e desvarios a esta hora da noite

...pormenores

...para recomendar...  
sistemati nos termos de...

o novo e  
cobrança das notas  
estatísticas tabelas de...

comentários  
unhas por exemplo  
anagramas são

transmissões de notas na região dos vinhos  
corpo social  
analisando as...

o mundo do vinho em geral com as parcerias...  
depois de cometas que foram as horas e doze  
o céu  
da boca com água sabor de...  
igual a...  
gomes mais que ornamentam...  
vinte e quatro...  
depois de...  
completo  
da noite

em nome  
depois de...

depois de...  
depois de...

tempo de espera...  
longo  
esperança

ridícula  
de como revelar a infância...  
cabão  
rodentiam

por esse...  
aproveitar...

daniel matos

caneta, papel negro  
construído à unha  
na espelha  
no arado de madeira  
casco de braçada  
uma máquina  
de leite, matria, ordenada  
ligas, vassor infuso nos canteiros  
cavala, toda  
no seu mapa  
à taboça

daniel matos

para a ponto

2015 12 15



daniel matos

limalha. peixe negro  
costurado à cabeça  
nas esponjas  
arrancado da matéria  
cometa de braçada  
lenta traqueia  
do leite. matéria. ordenada.  
figos. vinagre infuso nos canteiros  
estrela  
no seu mapa  
à cabeça

ponto .a ponto.

pelo sangue

toda

suspenso órgão  
a imagem  
fixa  
dos membros altos  
falangídea que não se suporta  
à altura do mármore  
intrínseca bilha de ar  
absoluto  
câmara fotográfica  
que não se filma  
constelação  
tocar-se  
no elevador à região faiscante  
da cabeça  
moléculas de incêndio: o mármore  
impossível : fotográfico poder  
da criação  
total  
corpo  
aos pedaços  
que agora se  
dis-  
junta :  
a matéria ex-  
posta no abismo  
de onde tudo se arranca  
barro tóxico  
porque sei que toco as flores  
secas no fundo iluminado  
da bilha  
e a bilha arde e  
move-se  
estrela de água que se levanta  
a sangue cheio  
pássaro empoçado  
na forma da cabeça aos buracos  
o fogo à mesma altura onde  
buzine  
selo de caça  
que se diga .que é necessária uma celebração diária  
que urge despertar para uma intensa sede  
de participação da vida e da alegria –  
dar à chave –  
no gás em que ressoa pelos canos

donde arruma  
alfabeto último espaço  
por bicicleta de ar  
aura  
coisa do que se experimente  
pilotado tanque por  
nome  
que no espaço  
se e coa entre a boca e o pênis e  
s  
o ânus  
balcão de ar  
e sangue de recorte  
intra-músculo  
a terra que transborda  
cada pacto por franja  
cada ciclo  
têmpera e som e  
imagem

daniel matos

falcão porado: jarro de ouro ao alto da caçada  
fogo e flor que se iniciam no trabalho dos metais e do  
ouro o símbolo  
a predação

barbatana turvo vento em que se move poro  
de cometa ou lâmina a que se enrola pássaro densa tez  
aço  
e nuvem

emiliana cruz

Opacas

bar ( do ) macrofônico

transas maquiavélicas  
frequentam  
mulhões de Respirações

EXPRIMINDO larangas  
desbravando até **emiliana cruz**

OPACAS

uma vida num dia no bar - não há nada de novo  
só

idúas transparentemente ofuscadas  
fórmulas de experiências  
copas

lomenias ulvanicas dentro de retratos sequestrados

um pêlo que c

cionos públicos  
públicos  
coágulos mictos

l o o i a  
de força a c i e

só neste sítio

equi- equi equi

mesperadamente

Estados Unidos

Quando porado, junto de tudo ao alto da queda  
fogo e flor que se lançam no trabalho dos metais e do  
ouro  
o símbolo  
a proteção  
Inferno e terra verde em que se move o rio  
de canções no silêncio e que se erguem as montanhas  
aço  
e a vida.

emiliana cruz

bar ( do ) macrofónico

tutanos maquiavélicos  
frequentam  
multidões de Respirações

EXPRIMINDO laranjas  
desbravando artérias

### OPACAS

uma vida num dia no bar - não há nada de novo  
só

idades transparentemente ofuscadas  
fórmulas de experiências  
cegas

sementes uivantes dentro de retratos sequestrados

i  
a  
um pêlo que c

clonos públicos  
públicos  
coágulos mistos

l o ó i a  
de força a c l c

só neste sítio aqui aqui aqui

inesperadamente

emiliana cruz

rebolar a segunda - feira  
pela moeda . a - gente vai  
vais - te

suor escorrendo pelos limões  
num olho de pele

r o e n d o - o

maçãs transparentes olham pelo  
pêlo  
pelas tintas verdes verdes

c o r r e n d o pelas paredes putrefactas de

tu

no chão

antes  
cada um / a aqui

postas pastas penduradas no lancil da madrugada  
noite estrangulando a lua - de - hetero  
a sineta homofugitiva dos capuzes  
- memórias de electrões sexuais

nos caudais da cauda  
nós insistindo na corda

a b l a d  
b m o e n o

ao som sonâmbulo

de vidro

ali

no WP



emiliana cruz

re - reading

the knack of canonical  
sexual relationships

shooting

superficiality  
superficcionalidad

bumped

characters lost in contexts  
glass characters around my body

in a formal peregrination of

bloody function

one man drawn

in a tortology  
tautology of the chatting

the camera jumped

from the walls of the ears unto the mouth unto the hip-book unto

the fern  
unprisoned  
unjudged

heed

hear cardiac mean - symptoms  
ahead the brain

naked enough

out of here

swallow the mean

down down

one woman drawn in

the hospital

- nuthouse

authority step in and out  
the mortal bacon

make sounds  
keep everybody on their toes  
fill the sockets with privilege  
and they are fed by the dead

- gaze the standard make-up  
and take her belt off  
- almost a rape of  
rhetoric

she threw herself and  
the stick  
around  
the body  
delivered

connections  
by the fingers

shy paws  
run through the nervous neck  
stiff trees through the forest  
- ponds falling the knees  
- slow ly juice

- more of the same excited solitude

"As linhas retas são as mesmas aí?  
As curvas levam o mesmo, mas o travo é mais estranho."  
- Bob Perelman -

"A neblina das palavras"

Eu sou o louco  
recolhi **joão rasteiro** do tempo  
que enquanto os homens  
julgam dormir à revelia dos relógios,  
envolto na encruzilhada dos verbos  
talha palavras de um rumo fugaz  
no invisível mas dobrado tronco  
da árvore.

Óbvio a loucura  
que nas lâminas delicadas da solidão,  
o rumo das palavras traça  
indiferente à dança do fogo  
que transborda no meu cérebro  
e desliza pela encosta  
onde no labirinto do sol indomável  
o meu tutano matinal  
escala e abafa.

Corro, correm os verbos,  
as palavras, os poemas, as máscaras  
e ao meio dos choupos do espanto  
penso na rendição sero condições,  
só que o minotauro de bronze  
recusa prostituir-se.

make sounds  
keep everybody in their seats  
fill the sockets with privilege  
and they are fed by the steel

- gaze the standard make-up  
and take her hair off  
- almost a rape of  
                                the face

she throw herself and  
the stick  
around

                    the body                    orderly and  
                    delivered

connections

                    by the finger  
shy power  
run through the narrow neck  
stiff brass through the lower  
- ponds falling the street  
- slow by price

                    state of the world needed

                    solitude

“As linhas rectas são as mesmas aí?  
As caixas levam o mesmo, mas o travo é mais estranho.”  
- Bob Perelman -

“A neblina das palavras”

Eu sou o louco  
recolhido nas favelas do tempo  
que enquanto os homens  
julgam dormir à revelia dos relógios,  
envolto na encruzilhada dos verbos  
talha palavras de um rumo fugaz  
no invisível mas dobrado tronco  
da árvore.

\*

Óbvia a loucura  
que nas lâminas delicadas da solidão,  
o rumo das palavras traça  
indiferente à dança do fogo  
que transborda no meu cérebro  
e desliza pela encosta  
onde no labirinto do sol indomável  
o meu tutano matinal  
escala e abafa.

\*

Corro, correm os verbos,  
as palavras, os poemas, as máscaras  
e no meio dos choupos do espanto  
penso na rendição sem condições,  
só que o minotauro de bronze  
recusa prostituir-se.

\*

Embora a chuva  
avance em sombras de linha recta  
depois das águas, fogo e até lágrimas,  
no círculo estreito da claridade  
nas raízes que suspiram o divino  
o que eu desejava  
era ser um soldadinho de chumbo

“A recolha do martírio”

Para Fiama Hasse Pais Brandão

No regresso do martírio  
na humilhação incrédula da criação  
o pio do equinócio  
percorre e maltrata a síntese.

\*

A cítara desfigurada pelo vento  
à mesa delimitada do banquete  
desfaz a bolha sinuosa da angústia  
no múltiplo silêncio das estrelas.

\*

De resto, perdidas as parábolas cristalinas  
já os pomares secaram  
e uma lava de argila que alastra  
perfura furtivamente as asas do poente,

\*

sem diálogo ou compaixão  
dentro de si mesma, do rio obscuro  
de tudo o que é vida.

Que o tempo igual ao outro. Tristemente.  
Só tempo de passar.”

- Ana Luísa Amaral -

“O rosto do lugar”

Ao longe  
corre o vento da incerteza  
o caminho oculto  
a silhueta vaga do lugar  
onde no quotidiano do           temporal  
apoio a cabeça da eternidade

\*

A luz imperial  
onde as insónias caminham devagar  
inventa gestos  
demasiado férteis de máscaras  
que o negro dos meus olhos  
incendeia de relâmpagos.

\*

Todos os dias  
escrevo o mapa dos sinais  
na calcinante charneca  
do lugar  
que fustiga o tempo  
infiltrado na traqueia do deserto  
pendurado nos meus braços.



Jorge Andrade

Da esplanada do café Tournon

A poesia vem,  
vem baixinho,  
falar devagarinho  
ao meu ouvido -----  
Estando nesta posição,  
cotovelos apoiados  
segurando na boca,  
mão com mão,  
meu cachimbo,  
lembro-me, então,  
da mesma posição  
daquele desconhecido  
do café Tournon.

jorge andrade

Ele estava, estava igual,  
como agora estou,  
e me impressionava  
quando o olhava  
e pensava  
no que poderia pensar  
quando estava a olhar.

Neste momento  
compreendo -----  
----- aos vinte e poucos anos  
não compreendi -----

De certo pensava, estático,  
apático, pensava em ti,  
outro ti, ti que não sei -----

É igual a posição -----  
Alheio, indiferente ao ruído,  
ausente, eu estou contigo -----

É o mesmo sentimento -----  
----- do coração ----- a mesma lei -----  
a mesma posição.

Que sempre existo como Tarcisus  
Sempre no tempo

Ana Lúcia Amaral

"O som do fogo"

shathur sgtel  
Ao longe  
cont'o vulto de Tarcisus  
o reflexo oculto  
a silhueta vaga do fogo  
onde se questiona do temporal  
sobre a cabeça de eternidade

A luz imprecisa  
onde as luzinhas caminham devagar  
inventa gestos  
demasiado fêreos de máscaras  
que o segre dos meus olhos  
incandescência de relâmpagos.

Todos os dias  
escrevo o mapa dos sinas  
na calcinante chama  
do fogo  
que fustiga o tempo  
infiltrado na raquia do deserto  
pendurado nos meus braços

Da esplanada do café Tournon

A poesia vem,  
vem baixinho,  
falar devagarinho  
ao meu ouvido -----  
Estando nesta posição,  
cotovelos apoiados  
segurando na boca,  
mão com mão,  
meu cachimbo,  
lembro-me, então,  
da mesma posição  
daquele desconhecido  
do café Tournon.

Ele estava, estava igual,  
como agora estou,  
e me impressionava  
quando o olhava  
e pensava  
no que poderia pensar  
quando estava a olhar.

Neste momento  
compreendo -----  
----- aos vinte e poucos anos  
não compreendi -----

Decerto pensava, estático,  
apático, pensava em ti,  
outro ti, ti que não sei -----

É igual a posição -----  
Alheio, indiferente ao ruído,  
ausente, eu estou contigo -----

É o mesmo sentimento -----  
----- do coração ----- a mesma lei -----  
a mesma posição.

TLUQUI

## SUN DÊ ÇU

# PÁSSARO DE DEUS

Tem o rabo do comprimento  
do meu indicador .....  
O corpo ..... do meu polegar .....  
Tudo em seu redor  
é alegria e movimento .....

Mas o melhor,  
é vê-lo cantar  
ao romper do dia !

Uma maravilha da natureza !

Com seu canto,  
asas a tocar

Tác ..... Tác. Tác ..... Tác .....

Com sua acrobacia,

ora desce, em voo picado .....

ora sobe, e parece ficar parado .....

É um espanto de beleza  
para alegrar os céus !

E o tempo que dura  
este bailado !?

«Pássaro de Deus»

lá na altura .....

..... que nome tão bem dado !

Como gostaria  
de ter a tua energia  
ao romper  
do dia !

S. Tomé e Príncipe

jorge andrade

## NÃO

Não.  
Não te escrevo aquela carta  
que dizes não ter recebido;  
Nem tenho comigo  
tinta e papel à farta,  
para dizer aquilo que não consigo.

Entretanto, sinto-me sozinho, agoniado,  
apertado, como um comprimido redondo.

Sim .... RE DON DO !

se fosse QUADRADO .....  
..... cada esquina, era um sentido .....  
..... cada canto, era um caminho .....  
..... redondo .....  
... REDONDO E FECHADO.

OÃN TLUQU

SUN DÊ CU

PÁSSARO DE DEUS

Não  
 Não te esqueças de cada  
 que há de não ser recebido  
 Não te esqueças de cada  
 Não te esqueças de cada  
 Não te esqueças de cada  
 Não te esqueças de cada  
 Não te esqueças de cada

Entretanto, sinto-me sozinho, agitado,  
 agitado, como um comprimento de fio  
 agitado, como um comprimento de fio

Sim ... RE DON DO !  
 Com  
 Com

se fosse QUADRADO  
 cada espina, em um sentido  
 cada espina, em um sentido

... REDONDO E FICHADO  
 ... REDONDO E FICHADO  
 ... REDONDO E FICHADO

É um que se dá  
 É um que se dá

Passado de Deus  
 Passado de Deus  
 Passado de Deus

Como passar  
 Como passar  
 Como passar

S. Tomé e Príncipe

mécia gouveia

salpicos de luzes  
intermitentes nave-  
gam os olhos do  
mundo  
túneis obscuros  
de medonha melancolia  
o luar do pensamento longínquo.  
estrelas adormecidas do mar nocturno.  
nocturno dia de cubatas  
incandescentes.  
seios boquiabertos focos de **mécia gouveia**  
do- sol  
hormonas fin-  
gidas na ansia do  
desafio  
órgãos sazonais aracnídeas  
tentacular vislumbra  
olhos lânguidos  
de lágrimas pingir  
lista hormonal  
tronos de esmeraldas usurpados  
rubis de ceptro  
esculpidos  
kitofas desnudadas  
lânguidas de sol  
sereno.  
ungandas desgrenhados lambendo  
o suor da minha vida.  
Máscaras de kizomba  
prateadas sugar  
rubis dançando

Blank page with faint, illegible text in the center.



salpicos de luzes  
intermitentes nave-  
gam os olhos do  
mundo  
túneis obscuros  
de medonha melancolia  
o luar do pensamento longínquo.  
estrelas adormecidas do mar nocturno.  
nocturno dia de cubatas  
incandescentes.  
seios boquiabertos fecundam o pôr-  
do- sol  
hormonas fin-  
gidas na ânsia do  
desafio  
orgasmos sazonais aracnídea  
tentacular vislumbram  
olhos lânguidos  
de lágrimas pungir  
lista hormonal  
tronos de esmeraldas usurpados  
rubis de ceptro  
esculpidos  
kitofas desnudadas  
lânguidas de sol  
sereno.  
ungundas desgrenhados lambendo  
o suor da minha vida.  
Máscaras de kizomba  
prateadas sugam  
rubis dançando

o soba que se move na voz branca da neblina do pesadelo  
as sombras da evasão das marimbas  
num tom perpétuo e cadente. não à  
carne rasgada do pensamento

esplendores de luzes  
incompreensíveis nave-  
gam os olhos do  
mundo  
lúmens obscuros  
de medonha melancolia  
o luar do pensamento longínquo  
estrelas adormecidas do mar noturno  
nocturno dia de copulas  
incandescentes  
seios pupilosos leandam o pô-  
do- sol  
hormonas fim-  
g  
idas na faixa do  
desafio  
organismos sensíveis encobertos  
tentacular vibraram  
olhos lânguidos  
de lágrimas pugna  
lísta hormonal  
tronos de esferoides uterinos  
rúbis de capite  
esculpidos  
kínofos desvendadas  
lânguidas de sol  
sereno  
angustias desgrelhadas lambeado  
o suor da minha vida  
Máscaras de kizomba  
praticadas sugam  
rípis dançando

mécia gouveia

sobre a solidão/ comunicação na poesia

Kilombo dos Dembos

poesia de braços abertos  
na solidão do meu jardim  
noites grão a grão  
contando os dedos  
do meu destino  
salalé adorno do meu cansaço  
músculos endurecidos na tracção  
de tanto medo  
kissondes esfomeados jazidos  
no chão coberto do odor  
do meu silêncio ensanguentado  
trovejar chuvoso da  
floresta amarrada  
ao meu destino  
cantam batuques  
cansados da solidão  
vazio encarcerado  
nas lágrimas do  
meu poder

sobre a solidão contida na poesia

Kiamba dos Dentes  
A poesia é um jardim de flores  
que cresce no silêncio do mundo  
e floresce no silêncio do mundo  
e floresce no silêncio do mundo

poesia de flores abertas  
na solidão do meu jardim  
notas são a grão  
contando os dedos  
do meu destino  
salta sobre o meu campo  
músculos enfiados no tecido  
do tanto nada  
luzes estalando no ar  
no chão coberto de odor  
do meu silêncio ensandado  
trazer o ruído da  
força amada  
no meu destino  
cantar palavras  
canções da solidão  
vazio encerrado  
nas léguas do  
meu poder

Sento-me num banco de jardim  
E respiro suas mesmas belas paisagens idílicas.  
Estou só!  
A brisa sopra suavemente o primeiro Zéfiro.  
E Edward Grieg enche a manhã com a sua música.  
Um *moderato* rompe levemente pela dança de  
Herbert Von Karajan.  
As folhas das árvores dançam copiosamente  
Uma valsa sombria. E uma a uma reiram-se  
Das árvores e vêm sentar-se junto de mim.  
Querem ouvir-me. Não sei o que lhes dizer.  
Contar-lhes-ei a batalha de Arse. Mas  
Grieg já a contou. Ouçam-na.  
No plúmbico céu, agora rompe o sol.  
As minhas vistas frangem um  
Esfumado corpo, ao longe. Lá ao longe,  
Bem distante de mim, alguém  
Se dirige na minha direcção.  
Era Alcibiades. Um general grego.  
Vinha-me buscar e com ele fui.  
Sentei-me à mesa do banquete e Platão  
Veio juntar-se a mim, bem lavado  
E bem calçado.  
Um escravo veio ter comigo e disse-me:  
- A oblação, o *κρυπὸς θυῶ σ*.  
Ágaton agradeceu a minha presença e cumprimentou-me.  
Na dextra estava Platão, na sinistra estava Alcibiades.  
Deu-se início ao banquete.  
Os dectonos exibiam as suas túnicas e  
Os escravos serviam com o corpo seminu.  
A refeição deu-se e eu não articulei palavra.  
Sentei-me um perfeito ignorante numa discussão filosófica.  
Como qualquer pessoa normal, penso eu.  
A esquerda em *lento* preparava a minha saída  
E de novo estava sentado no jardim, no meu jardim.  
A ver as minhas folhas caírem, a franger os Zéfiros.  
Parece que tudo tinha mudado e dei-me conta de que tudo  
Estava na mesma.  
Algumas folhas caíram na água límpida do lago.  
Os pássaros chilreavam doentes.  
Um *intermezzo* mudou a atmosfera. Então  
Apolo, Eúrope, Calíope, Polínia, Clio, Terpsícore,  
Érato, Melpómene, Toíia e Urânia levaram-me  
Para Hélicon e deram-me a beber as Águas  
De Hipocréne e Parnaso.  
Ébrios melodias recitadas pela lira apolínea  
Invadiram o palanque de Orquestra Filarmónica de Berlim.

nuno filipe

1880

nuno filipe

Sento-me num banco de jardim  
E respiro suavemente uma paisagem idílica.  
Estou só!  
A brisa sopra sofregamente o primeiro Zéfiro.  
E Edward Grieg enche a manhã com a sua música.  
Um *moderato* rompe levemente pela batuta de  
Herbert Von Karajan.  
As folhas das árvores dançam copiosamente  
Uma valsa sombria. E uma a uma retiram-se  
Das árvores e vêm sentar-se junto de mim.  
Querem ouvir-me. Não sei o que lhes dizer.  
Contar-lhes-ei a batalha de Asse. Mas  
Grieg já a contou. Ouçam-na.  
No plúmbeo céu, agora rompe o sol.  
As minhas vistas frangem um  
Esfumado corpo, ao longe, lá ao longe,  
Bem distante de mim, alguém  
Se dirige na minha direcção.  
Era Alcibíades. Um general grego.  
Vinha-me buscar e com ele fui.  
Sentei-me à mesa do banquete e Platão  
Veio juntar-se a mim, bem lavado  
E bem calçado.  
Um escravo veio ter comigo e disse-me:  
- A ablução, *ο κυριος εμο σ* .  
Ágaton agradeceu a minha presença e cumprimentou-me.  
Na dextra estava Platão, na sinistra estava Alcibíades.  
Deu-se início ao banquete.  
Os *δεδεσποται* exibiam as suas túnicas e  
Os escravos serviam com o corpo seminu.  
A refeição decorreu e eu não articulei palavra.  
Sentia-me um perfeito ignorante numa discussão filosófica.  
Como qualquer pessoa normal, penso eu.  
A orquestra em *lentement* preparava a minha saída  
E de novo estava sentado no jardim, no meu jardim.  
A ver as minhas folhas caírem, a franger os Zéfiros.  
Parece que tudo tinha mudado e dei-me conta de que tudo  
Estava na mesma.  
Algumas folhas caíram na água límpida do lago.  
Os pássaros chilreavam dolentes.  
Um *intermezzo* mudou a atmosfera. Então  
Apolo, Euterpe, Calíope, Polímia, Clio, Terpsícore,  
Érato, Melpómene, Talia e Urânia levaram-me  
Para Hélicon e deram-me a beber as águas  
De Hipocrene e Parnaso.  
Ébrias melodias tecitadas pela lira apolínea  
Invadiram o palanque de Orquestra Filarmónica de Berlim.

O som da música era belo, ouvia-se o som combinado  
Da lira e dos violinos.  
Qualquer Pierlugi di Palestrina, qualquer Beethoven,  
Qualquer Bach invejavam tal música.  
Por favor deixem-me dormir e não me acordem.  
Se acordar enofiliem-me com o néctar de Ambrósia  
E dêem-me beber das fontes de Hipocrene e Parnaso.  
χαρε...



nuno filipe

Suo suavemente do semblante  
Ao som sonoro duma sonoplastia  
Sorridente, sensível e secreta

Séria, sisuda é a seta  
Sinuosa 'stridente semente  
Sim, sente, sente, sente, sente

Soa o sino sem simpatia  
Sem sorte, sem saudade  
Sem som, sem suor  
S. Simão seguiu o Senhor

Sento-me na sala sozinho  
Sombrosos sons se sentem  
São sibilantes surdinas  
Sapateadas sem sol

nuno filipe

A minha alma transparece  
Corre límpida e suave  
Na suada calçada arrefece  
Corre no árido sol ofuscante  
Algo que me trespassa, uma nave  
Corre, corre, corre...

Algo perturba uma sólida prece  
Rosa espiral, perfumada e grave  
Com o claro sol reverdece  
Na clara luz brilhante  
Percorre o céu uma ave  
Corre, corre, corre...

Correm velozes os dias  
Passam sorrateiramente as noites  
No vago vagaroso ano  
Demoram-se os meses

Brindam as horas sorridentes  
Passam suaves os segundos  
E num ritmo pendular vão  
Marcando o tempo que passa

salomão aragão

faça

faça e transforme

não te caia

ante a incerteza do amanhã

faça e transforme

faça e transforme o mundo

faça e transforme

faça e transforme

faça e transforme

faça

salomão aragão

o que se quer

o que se quer o mundo

o que se quer o mundo

o que se quer o mundo

o que se quer

o que se quer o mundo

o que se quer o mundo

o que se quer o mundo

o que se quer o mundo

o que se quer

o que se quer o mundo

o que se quer o mundo

o que se quer

o que se quer

o que se quer o mundo

o que se quer

o que se quer o mundo

o que se quer o mundo

o que se quer o mundo

o que se quer o mundo

o que se quer

o que se quer o mundo

o que se quer o mundo

o que se quer

o que se quer o mundo

o que se quer

o que se quer o mundo

o que se quer o mundo

o que se quer

o que se quer o mundo

o que se quer o mundo

meu tempo

A minha alma transpore  
Corre impetuosa e livre  
Na vasta calçada do céu  
Como no brado dos elementos  
Algo que me liberta, uma leve  
Corre, corre, corre.

Algo profunda e frágil coisa  
Fosse espiral, perfume e graça  
Com o claro sol reverente  
Na clara luz brilhante  
Percore o céu uma ave  
Corre, corre, corre... órgão celeste

Corre, velozes os dias  
Passam correndo as noites  
No vago vagaroso ano  
Determina-se os meses

Brindam as horas sorridentes  
Fazem suas as segundos  
E com ritmo pendular vão  
Marcando o tempo que passa

salomão aragão

faça  
faça e transforme  
não te cales  
ante a indecência da cobardia

faça e transforme

l  
cada gota do teu s a n g u e

u g

s u o r e s

l a g r i m a s

l e m

i s a n g u e

v s a l i v a

a

o teu sangue  
irmão amigo camarada  
seja seixa para as rosas  
de um éden humano

o teu suor

sejam pérolas de diamante  
os tentando o nosso brilho  
sonegando, espiando, linchando  
seja o teu suor irmão amigo camarada

.../...

seja o teu suor  
ostentado nas galerias d'arte  
aos mais esmerados salões do  
novo mundo.

e nas tuas lágrimas  
sejam as tuas lágrimas amazonas e kuanzas  
as tuas lágrimas  
sejam nilos e mondegos  
trazendo vida, levando esperança  
alegria, prosperidade e paz  
de que o verde que hoje vemos campos  
amanhã  
pela metafísica do tempo e das estações  
amanhã na (con)usão do tempo/ espaço vida vegetal  
terá a cor da paz  
nos campos alvos de algodão  
no trigo no pão  
na alegria da prosperidade  
da família, do homem da gente diligente  
trará a paz  
ao sono doce do justo  
do justo diligente trabalhador

salomão aragão

ausência di cretchêu

quando da luz  
a lua apenas me resta

quando na vida

sol ando ao relento  
litário

sonambulizando na vida  
nas estéreis estradas  
da minha existência]

quando ando  
luandando em luanda  
ou ao luar de lisboa  
em denso e cerrado inverno,

e tu meu ópio  
tu cretchêu  
ausente estás

mas sempre presente,  
invisivelmente presente  
nos meus tormentos]

em tua ausência cretchêu  
minhas invisíveis lágrimas escorrem  
transportando o mondego à sua foz,

o teu invisível regaço

salomão aragão

black magic hat

discover the hat

the black magic hat

black hat

magic black cat

cut

b l a c k cat

hat hair cut

black magic hair

black magic cat

seven black cats

moon light

seven black cats

seven black magic hats on the moon

black whit magic

seven black magicians

seven white magics

moon

black hat

black jacket

black boots

(a black umbrella)

a black book, the black bible

a black umbrella

foggy smokey smoke

and a black cigarette

foggy

death

death of the moon .../...

night, night, night... ...in the room

dark, dark, dark... ... in the room

halle, halle, zombies, dark angels and  
satan.

salonito angelo  
black magic hat  
discover the hat  
the black magic hat  
black hat  
magic black cat  
cut  
black cat  
hat hair cut  
black magic hat  
black magic cat  
seven black cats  
moon light  
seven black cats  
seven black magic hats on the moon  
black white magic  
seven black magicians  
seven white magicians  
moon  
black hat  
black jacket  
black boots  
(a black umbrella)  
a black book, the black bible  
a black umbrella  
foggy smoky smoke  
and a black cigarette  
foggy  
death  
death of the moon  
night, night, night... in the room  
dark, dark, dark... in the room  
halls, halls, zombies, dark angels and  
satan

salonito angelo  
black magic hat  
discover the hat  
the black magic hat  
black hat  
magic black cat  
cut  
black cat  
hat hair cut  
black magic hat  
black magic cat  
seven black cats  
moon light  
seven black cats  
seven black magic hats on the moon  
black white magic  
seven black magicians  
seven white magicians  
moon  
black hat  
black jacket  
black boots  
(a black umbrella)  
a black book, the black bible  
a black umbrella  
foggy smoky smoke  
and a black cigarette  
foggy  
death  
death of the moon  
night, night, night... in the room  
dark, dark, dark... in the room  
halls, halls, zombies, dark angels and  
satan



sandra guerreiro

incorpora os recursos  
estilísticos sobre a escrita  
ferida antes  
do domo gálgala de sem não tempo  
dos corpos no crime é um  
morte antecipada da língua muda  
da deusa do sono justa posta  
obliqua tremulo na linha da luz  
que afirma  
sempre necessário no depósito  
teclado azul  
agulha espessa entre o carinho aceso  
na polémica  
nua

sandra guerreiro

1875

interpor um recurso  
estilístico entre a sílaba  
ferida antes  
do dorso-gotícula de som não tempo  
dos corpos no crime livre  
morte antecipada da língua muda  
da deusa do sono justa-posta  
oblíquo trémulo na linha da luz  
que afirma  
sempre necessário no deposto  
teclado azul  
agulha espessa nutre o carinho aceso  
na polémica  
nua

sandra guerreiro

nitratos para uma paz humanitária  
a essência do volátil fraco  
do seguro traduz-se o sentimento na luz da teoria prática  
o alcance é dos mudos  
fechados no realce do horário  
cor opaca  
da meia haste  
no troço delineado  
da fuga grossa  
ou a razia da lição estudada no tempo  
morno o lume  
jaz perene  
sintagma do não proferível  
ou a vontade da escolha  
nenhum  
nos olhos dos pássaros feitos homens  
sós  
negociável  
no momento certo  
a opção do terreno limpo dorso da fêmea tranquila  
no verde da terra  
batida a palavra corrói

em si confiamos

sandra guerreiro

follow  
faces  
falling  
following  
the fall  
first  
fill with it  
following  
fulfilment  
full  
falling  
fine  
be       fore       fill him  
de       light      fu(oo)l  
face

finds  
falling  
into the front

of the in  
side dancing  
circle

i may  
myself  
be excluded from the final  
proposition

terraselva

... para ...	follow
... de ...	faces
... con ...	falling
... sin ...	following
... en ...	the fall
... por ...	first
... a ...	fill with it
... de ...	following
... con ...	fulfillment
... sin ...	full
... en ...	falling
... por ...	fine
... a ...	be
... de ...	light
... con ...	face
... sin ...	finds
... en ...	falling
... por ...	into the front
... a ...	of the in
... de ...	side dancing
... con ...	circle

... myself  
 ... be excluded from the final  
 ... proposition

terrassilva

terrassilva

terrassilva

terrassilva

terrassilva

terrassilva

terrassilva

terrassilva

terrassilva

REVISED



natureza

LARUTAN **N**inguém

ETSERGA **A**ma

ARUNRET **T**ambém

ODNIGNU **U**ma

ORIPSER **R**osa

ADALAXE **E**squecida

ODIBMUZ **Z**urzida

ASOROMA **A**cabrunhada

Raptaram também os Musicólogos  
Os Saltimbancos  
Os Roqueiros

terrassilva

~~POESIA~~ impressão exterior

LE

VE

TRApLAVRAFSETRORVIL

S

U

O

A

terrassilva

Ação e Reacção a Bernard Heidsieck

[Sons analgésicos! ]

Coração maquinalmente oscilando  
Carcacui Caçada Cagada Cagado Cágado  
Bum, Bumm, Bomba Bombástica  
Ex Ex Ex Exalada  
Pum, Pumm, Ponta, Puta Pornográfica.  
Sese Sábado Sapato Sandália Chinelos  
Raspa, Rasga, Respeita, Respira  
Mundo mudo contudo, continuando  
Eco Ecu Ecoando, Entoando  
Coapa, Cuernavaca, Acapulco, Taxco, Taco, Tequila; Comigo, Convosco Com Casamento.  
Bleu Blões Blau Bli Blão João Baião e Pantaleão e ainda... um ...Balsemão!-----  
Reticências.....

II

Surgiu-me, televisivamente!  
Estrangeiramente  
Voam Sons procurando uma pauta,  
Anárquica.  
Microfonemente, aladas e asadas  
Poisam, nos ouvidos Musicais.  
Foneticamente, com a ajuda da Fonologia  
Registo Aliteraões Anafóricas enigmáticas.  
São Notas Soantes e Dissonantes  
Agudas, Graves, Assistemáticas, Coordenadas...  
Etc etc etc etc etc etc etc etc etc etc etc...  
Os Passarinhos deixaram de actuar.  
A poesia roubou-lhes a sua profissão.  
Subiram, ingressaram e permanecem  
Num quadro e grau superior.  
Obtiveram mais créditos.  
Assimilaram mais bónus.  
Envolvendo-se de muito mais prestígio.

Raptaram também os Musicólogos  
Os Saltimbancos  
Os Rockeiros



alfonso hernández torres

### El Tango de D. Dimis

El día se quedó  
en el fondo de las aceras  
plantándose debajo de las piedras  
comiéndose lo cotidiano  
quedándose dormido.

El sueño, que le produce  
el frío y la lluvia  
que se quedan solos,  
en la calle.

Solo ellos  
y algunos noctámbulos  
contemplan y escuchan  
los balces de la noche.

La  
que  
de la boca.

se viste de seda  
y se pinta la boca  
con el hielo de la espera.

Se acerca aquel ray  
que se quedó encerrado  
en la arena de su cemento  
por haber vivido demasiado tarde  
y le da su mano.

que nadie lo sepa,  
que en la niebla  
de la orquesta del silencio,  
congelado el cerebro

que los mira,  
que nunca

Antes que la música  
se zambulle por el acueducto.

e ainda, a colaboraçã

**alfonso hernández torres**

Universidade de Granada

(participante da oficina de poesia 97/98 ao abrigo do Programa Erasmus/Sócrates)

Os Médicos  
Os Pedreiros  
Os Ferro-Serralheiros  
Os Carpinteiros  
Os Canteiros  
Os Saneadores  
Os Alcofiteiros

As Baterias de Guerra  
Aproxima-se a Morte  
Fazendo um Testamento  
Imunizado pela CONFUSÃO

o estado a colapso

alguns padrões tornam

Universidade de Granada

(participante de oficinas de poesia 2008 no âmbito do Programa Erasmus2007)

alfonso hernández torres

### El Tango de D. Dinis

El día se quedó  
en el fondo de las aceras  
plantándose debajo de las piedras  
comiéndose lo cotidiano,  
quedándose dormido.

El sueño, que le produce  
el frío y la lluvia  
que se quedan solos,  
en la calle.

Solo ellos  
y algunos noctámbulos  
contemplan y escuchan  
los bailes de la noche.

La torre gris  
que corona la ciudad  
de la locura,

se viste de seda  
y se pinta la boca  
con el hielo de la espera.

Se acerca aquel rey  
que se quedó encerrado  
en la arena de su cemento  
por haber vivido demasiado tarde  
y le da su mano.

Sín que nadie lo sepa,  
danzan en la niebla  
al son del viento  
de la orquesta del silencio,  
congelando el cerebro  
de quien los mira,  
para que nunca  
puedan contarlos.

Antes que la música  
se suicide por el acueducto.

El Tango de D. Dini

El día se quedó  
en el fondo de las aceras  
plañándose debajo de las piedras  
comiéndose lo cotidiano  
quedándose dormido.

El sueño que lo produce  
el frío y la lluvia  
que se quedan solos  
en la calle.

Solo ellos

y algunos noctámbulos  
contemplan y escuchan  
los bailes de la noche.

La tona gris  
que corona la ciudad  
de la lluvia.

Gritos helados  
rompían sus horas  
en el asfalto azul,  
y los segundos  
se quedaron inquietos  
precipitándose con los días  
que no dejaban a su paso  
estelas doradas de agua  
sino luces malvas  
y a veces oscuridad.

se viste de seda  
y se pinta la boca  
con el hilo de la espina

En escena aquel rey  
que se quedó encerrado  
en la arena de su cemento  
por haber vivido demasiado tarde  
y le da su mano.

En que nadie lo ve  
danzan en la niebla  
al son del viento  
de la orquesta del silencio  
congelando el certamen  
de quien los mira.

para que nunca  
puedan contactarse  
Antes que la música  
se suelte por el acueducto.



alfonso hernández torres

## No Soy Una Danza Agónica

Tenía pies de marfil  
La ciudad de la locura.  
Navegaba entre el desorden  
y se paseaba en el tiempo  
vestida de paños y seda.

Se cansaba de andar por sus calles  
y de respirar su agonía.  
Se quedó sola  
en medio de sus plazas  
algunas veces circulares  
y daba vueltas y vueltas  
hasta que se caía,  
confundiéndose  
en el alabastro de su suelo.

De nuevo miraba a lo alto  
anohecía, amanecía, atardecía!  
a todas sus esperanzas.  
Respiraba aires de otras estaciones  
y aromas que le dejaban  
ciega y dormida.

Mientras tanto el ruido,  
soplaba su silbido  
y el grito,  
de un tren que huía de ella  
y que no quería acompañarla.

Quedó vacía y sin gente,  
com su sinfonia de algaradas de perros  
que esculpían al cielo sus ladridos,  
y de vielos psicópatas  
que cantaban sin obtener respuesta,  
a una torre gris  
que le decía el tiempo que habían vivido.

No Soy Una Dama Agónica

Tanta piel de marfil  
La ciudad de la locura  
Navegaba entre el desierto  
y se pasaba en el tiempo  
vestida de paños y seda

Se cansaba de andar por sus calles  
y de respirar su agonía

Se quedó sola

en medio de sus plazas  
algunas veces circulares  
y daba vueltas y vueltas  
hasta que se cansó  
confundiéndose  
en el alabastro de su cuerpo

De nuevo miraba a lo alto  
a todas sus espaldas  
Respiraba aires de otras estaciones  
y aromas que le dejaban  
ciega y dormida

Mientras tanto el ruido  
soplaba su sibilido  
y el frío  
de un tren que hula de ella  
y que no podría acompañarla

Quedó vacía y sin gente,  
con su sinfonía de algarabías de peceros  
que esculpirán al cielo sus labridos  
y de viejos psicópatas  
que camaban sin obtener respuestas  
a una torre gris  
que le decía el tiempo que habían vivido

Nugas

Qu'il n'y ait plus rien d'autre  
que l'absence de penser à rien ?  
Robert Walser

Ces "je" que l'on s'écrit, sans autre fin  
Et qui change tout, tout d'un coup.

C'est au moment même de l'écriture  
Et de la lecture que l'on se perd.

Un mot qui revient, qui se répète  
De soi-même, l'apprend-on à l'usage  
A la lecture.

**traduções**

Mots qui ont le goût de l'absence  
artigos

Nous nous perdons à l'usage  
notícias

Tout au plus l'absence de soi-même  
La mort au sein d'un autre  
D'autre.

Penser au mot, à son usage, à son absence  
Pas d'absence.

Est-ce que l'on s'écrit, sans autre fin  
De soi-même, l'apprend-on à l'usage  
C'est au moment même de l'écriture

100

100

100

“(...) C’est une joie très délicate  
que parvenir à ne penser à rien.”

Robert Walser

Ces “je s” que l’on s’octroie, jour après jour,  
Et Qui chaque soir pont long peu...

C’est au contact rugueux de l’absence qu’ aurant  
Eté decrottés nos premiers pas.

Un mot Qui recevrait, à la fois, l’ approbation  
De midi et l’approbation de minuit. Je m’emploie  
A le concevoir.

Mots Qui ont le goût du silence, Qui, enfant,  
Nous était prescrit. À chaque instant, veiller  
A ne pas les empailler avec des émotions.

Tout au plus finira-t-on par imiter ce que  
La mort ne nous aura pas donné le temps  
D’écrire...

Prêter as voix à ses proppes silences ne dispense  
Pas d’écouter.

Est-ce moi Qui image, parmi les variétés  
Du vide, cette pierre,  
Cette pierre Qui éclairerait l’écart ?

Philippe Denis

“(...) é uma alegria muito delicada  
conseguir não pensar em nada. »

Robert Walser

Estes « eu » que nos outorgamos, dia após dia,  
E que cada noite se desvanecem...

É do contacto rugoso da ausência que terão  
Sido desenlameados os nossos primeiros passos.

Uma palavra que receberia, ao mesmo tempo, a aprovação  
Do meio-dia e a aprovação da meia-noite. Dedico-me  
A concebê-la.

Palavras que têm o gosto do silêncio, que, em criança,  
Nos era prescrito. A todo o momento, velar  
Por não as empalhar com emoções.

Quando muito acabaremos por imitar o que  
A morte não nos terá dado tempo  
De escrever...

Emprestar a voz aos seus próprios silêncios não dispensa  
De encurtar.

Serei eu que imagino, entre as variedades  
Do vazio, esta pedra,  
Esta pedra que iluminaria o intervalo ?

tradução de:  
ana braz

“ Exegi monumentum aere perennius  
regalique situ pyramidum altius,  
quod non imber edax, non Aquilo impotens  
possit diruere aut innumerabilis  
annorum series et fuga temporum.  
Nom omnis moriar multaue pars mei  
Vitabit Libitinam; usque ego postera  
Crescam laude recens, dum Capitolium  
Scandet cum tacita virgine pontifex.  
Dicar, Qua violens obstrepit Aufidus  
Et Qua pauper aquae daunus agrestium  
Regnavit populorum, ex humili potens  
Princeps Aeolium carmen ad Italos  
Deduxisse modos. Sume superbiam  
Quaesitam meritis et mihi Delphica  
Lauro cinge volens, Melpomene, comam.

Horácio, *Odes*, III, 30

Erigi um monumento mais perene do que o bronze  
Uma pirâmide mais alta do que as construções régias  
Nem a chuva erosiva nem o desenfreado Aquilão  
Nem a série inumerável dos anos  
E nem a sucessão dos tempos poderá destruir.  
Não morrerei completamente e uma grande parte de mim  
Escapará a libitina; Continuamente eu jovem crescerei  
Pelo louvor da posteridade enquanto o Pontífice  
Subir ao Capitólio com a virgem silenciosa  
Dirão que eu nascido onde os estrondeia  
O impetuoso Áufido, e onde Dauno, carente de  
Água, reinou sobre povos agrestes, eu trouxe para a  
Poesia eólica os versos italianos.  
Assume o orgulho obtido pelos méritos,  
Ó Melpómene, e favorável cinge-me a  
Cabeleira com o louro délfico.

tradução de:  
nuno filipe e terrasilva



Αστερες μεν αμφι καλαν σελανναν  
αιψ απυκρυπτοισι φαεννον ειδος  
οποτα πληθοισα μαλιστα λαμπη  
γαν επι παισαν.

αμφι δ υδωρ  
ιψοθεν ψυχρον κελαδει δι υσδων  
μαλινων, αιθυσομενων δε φυλλων  
κωμα καταρρει.

Os astros em volta da esbelta lua  
Imediatamente ocultam o aspecto brilhante  
Quando repleta brilha com o máximo lustro  
Sobre toda a terra.

A água circula pelo cume  
Gélido com a ajuda dos braços  
Da macieira, um sono profundo  
Agitando o deslizar das folhas.

Safo in *Selecta Grega*

tradução de:  
nuno filipe e terrassilva

### III. Encuentro Internacional de Poetas: Antolín, pintor, poeta y filósofo.

Actualmente en España la poesía está cobrando un gran protagonismo en el mundo literario. Hablamos de una poesía rica y vitalista que no quiere verse en los umbrales del recuerdo. La poesía y los poetas de hoy nos proponen muchos ideales, muchas formas de hacer poesía. Estamos ante un país de variedad y de cambios.

Entre todo este *mare magnum* de poetas y tendencias encontramos al joven poeta Antolín, que participó en el III Encuentro Internacional de Poetas el pasado mes de Junio de 1998.

Antolín nació en Valladolid en 1968. Desde muy pequeño tuvo una gran afición por el deporte, las ciencias y las artes. Fue siempre un joven con muchas inquietudes, jugador de fútbol en el equipo de juveniles de Valladolid, atleta de Maratón. Dejando también tiempo para tener contacto con la naturaleza, que tan importante es en su poesía, desde el montañismo hasta sus paseos por el mar.

Participó en el Congreso Internacional de Jóvenes Científicos a los 15 años, con un trabajo sobre Tarántulas, algo que, según él, también le ayudó para su formación artística.

Comenzó a estudiar filosofía en la Universidad de Valladolid, y compartiría sus estudios con sus inquietudes artísticas y literarias.

Como pintor, pronto comenzó a ver sus frutos y después de ver sus cuadros como logotipo de congresos y conferencias de su ciudad (como el caso de *Valladolid, Cultura y Corte* organizado por la Facultad de Letras de la Universidad de Valladolid), ganó el Premio Nacional de pintura de Castilla y León y hoy en día disfruta de una beca de Bellas Artes en Nueva York (Jackson Pollock Foundation).

Además de representar su pensamiento en imágenes también las representó en letras, y de ahí nació su poesía.

Escribió su primer libro entre 1985-1989, *El Cuenco*, donde comienza su trayectoria poética que pronto verá valorada, cuando en 1993, gana el Premio Nacional de la Junta de Castilla y León, publicado por la Excma. Diputación de Valladolid, Fundación Jorge Guillén.

De esta forma se animará nuestro poeta para continuar en el mundo literario y, en 1995, ya tiene preparada su siguiente obra, *Los Animales Extinguidos*; por último, entre 1997-98, su obra *El Cuerpo del Libro Quemado y Ojo Vivo*, obra en que la naturaleza y filosofía se funden para enseñarnos lo que es la propia realidad.

Una poesía basada en los elementos naturales, aquellos elementos que encontraba cada día que se perdía en el monte, o quizás en lo que le decía el mar cuando lo contemplaba. La naturaleza se llena en su poesía de conceptualización filosófica (idea), fisiológica y orgánica (músculos, sangre...). Los elementos naturales se impregnan de filosofía, lo que hace que su poesía basada en elementos fisiológicos sencillos exprese ideas muy complejas. En *El cielo*, («el cielo niega agua a un cachorro en presencia de estos cachorros») podemos entender que el cielo es quien domina la vida de la naturaleza: el cielo puede, o no, dar agua a sus cachorros. él decide sobre su vida, por lo que la naturaleza es la única que puede tener la última palabra: es quien decide nuestra propia existencia.

artigo de:

alfonso hernández torres

## Elegia aos/às fazedores/as.

A dificuldade das introduções está. A dificuldade das introduções é. As introduções não são importantes.

Um dia destes, em directo e ao vivo, afirmou-se por cá que certos poemas eram “poemas entre aspas”, que “é a dimensão dos jogos gráficos que nos dá conta do carácter estritamente lúdico” de alguns poemas do surrealismo português e que “o *non-sense* não é uma forma grata ao nosso temperamento”.

Sublinhe-se a restrição semântica da palavra maior da segunda citação.

É utilizando advérbios destes, já por si reveladores, que a norma se vai estabelecendo subliminarmente. De levezinho.

Agradece-se, no entanto, a possibilidade de reflexão que estes/as e outros pensadores/as da nossa praça proporcionam.

A nomeação e a forma como ela é feita espelham a existência e a omissão. Desta forma os/as fazedores/as de cânones, como tão bem sabemos, legitimam as suas preferências tomando-as como uma parte que se torna no todo. O omitido nunca tem, deste modo, qualquer hipótese de ter espaço para se revelar. A questão agrava-se quando se sai do âmbito teórico-restrito das academias onde, apesar de tudo, existe uma possibilidade diferente de acesso à informação. Comecemos a a folhear os suplementos literários dos jornais: aí, deliberadamente, a preferência torna-se no único conhecido, conseqüentemente, no único existente. Fica assim o grande público ensinado e doutrinado pelos/as que sabem, os/as entendidos/as no assunto, os/as pensadores/as que omitem.

Numa enumeração elaborada no final do artigo “A 26 de Abril”, publicado no jornal *Público*, numa brilhante síntese em jeito de ensinamento aos ávidos da cidadania, entre chavões nebulosos e outros nem por isso menos nebulosos acerca de algumas coisas boas dos últimos 25 anos, vem referido o seguinte:

“A qualidade estética e a ética do Alentejo.” Relativamente à primeira parte do enunciado, obviamente que isto não é um louvor do antigo regime mas sim uma crítica à formulação categórica de como as preferências se tornam catálogos. Isto é, qual é a qualidade aqui referida (e porque não a diversidade?)? Porque não deixar, única e exclusivamente, ao público em geral a adjectivação de qualidade ou não qualidade?

*"O grande rio que é a poesia portuguesa de hoje apresenta-se como um lençol meândrico, um delta de muitos braços, uns à vista, outros mais escondidos."*

A crítica portuguesa actual insiste em omitir (deliberadamente? por ignorância?), ou em não nomear, alguns dos acontecimentos, ou livros, ou autores/autoras, de poesia contemporânea, insistindo, numa unanimidade espantosa, em referir quase sempre as mesmas pessoas, os mesmos acontecimentos. Porque na maior parte das vezes a nomeação é a existência, é impressionante a forma como a crítica "fabrica" fenómenos, omitindo factos. Encontramos um bom exemplo disto no artigo: *"Um rio de muitos braços. Caminhos da poesia portuguesa de hoje."*, publicado no número dois da revista *Hablar/Falar de Poesia*. No referido artigo, o autor começa por falar da quantidade e multiplicidade da poesia portuguesa actual, citando alguns nomes e procurando enquadrá-los naquilo que define como "o delta de muitos braços" que é, na sua opinião, a poesia contemporânea. O que é curioso é que o próprio autor da citação atrás mencionada, refere o rio como um conjunto de diversidades, ressaltando o que está mais escondido, enunciando depois que vai começar a sua análise pelos primeiros, os mais à vista, mas o facto é que nunca acaba por referir os mais escondidos.

Como as escolhas e referências seleccionadas nunca são neutras não as queremos discutir, sabendo que não temos nem o nome, nem o poder, dos críticos. O que consideramos legítimo fazer, no entanto, é questionar -- papel imprescindível para quem lê e produz poesia. Não se entende, por exemplo, porque é que no artigo da revista *Hablar/Falar de Poesia*, quando se citam alguns dos "factos e factores que animam a cena poética portuguesa", não são referidos os Encontros Internacionais de Poetas que se realizam de três em três anos em Coimbra e onde já participaram inclusive alguns dos/as poetas citados no artigo, alguns deles tendo lido pela primeira vez em público nos referidos Encontros. Sendo considerado por muitos/as como um acontecimento único no mundo devido ao seu internacionalismo e multiplicidade, foi graças aos Encontros Internacionais que Coimbra e Portugal tiveram a oportunidade de ouvir e ver alguns dos/as poetas portugueses/as e estrangeiros/as mais importantes e interessantes do momento. No entanto, este acontecimento, que para o autor do artigo nem sequer existiu, deixa também de acontecer para os/as leitores/as do artigo que, caso não estejam suficientemente informados/a.s não conseguem libertar-se dessa perspectiva.

Os três exemplos mencionados ilustram, a nosso ver, a forma como o grande público passa a ver exclusivamente através das cores dos óculos de sol do/a autor/a. A possibilidade de os tirar ou de acrescentar novas cores é, infelizmente, restringida àqueles/as que têm o privilégio do acesso a outras coisas, incluindo os braços do rio que estão mais escondidos.

O que nos parece é que este rio dos/as fazedores/as de cânones e de opiniões é, ele próprio, um rio muito poluído, com vários ramos desconhecidos, outros manipulados, outros ainda

completamente contaminados. O que nos querem fazer acreditar é que o rio corre límpido e natural, sem qualquer tipo de intervenção. As barragens e as partes do rio que se tentam ocultar é como se de facto não existissem.

O mero escrito de opinião legitima-se assim, aos olhos do público, como a verdade inquestionável, a única que existe. É evidente que a situação se agrava quando a verdade de uns é sempre a verdade dos outros, ou seja, são sempre os braços escondidos do delta que ficam de fora, sem voz. Se o panorama português fosse mais eclético, o problema, pelo menos, minimizava-se. Mas os nomes continuam a ser os mesmos, as tradições (poéticas e de pensamento), essas, continuam de pedra e cal, entrando pelas casas dos/as que têm o dinheiro para comprar o jornal, ou se dispõem a fazê-lo, ou até mesmo pela caixinha mágica, essa então, completamente redundante.

Como é que o público pode então chegar a conhecer ou ouvir falar daquilo que nunca é mencionado pela crítica ou referido pelos/as *opinion makers*? Estarão os braços obscuros do “grande delta” condenados eternamente à não existência formal? Quem tem poder para legitimar o que é importante, “o que existe”, e o que não é importante, o omitido, “o que não existe”? As palavras, mesmo quando são meras opiniões, têm consequências. Não será depois por acaso que não estão acessíveis ao grande público por exemplo alguns livros de poesia. A cena portuguesa está “animada” como referem alguns críticos?—sim, mas que cena? e para quem?

artigo de:

aNa B

sandra guerreiro

## CHEGOU O CARNAVAL À CIDADE DE COIMBRA!

Realizou-se depois do almoço o famosíssimo "*Cortejo das Latas*".

Trajados a rigor fomos almoçar à "*Cantina da Sereia*". Todos se maravilharam e deslumbraram com os nossos vistosos e irregulares fatos. Particularmente, eu fui alvo de imensos olhos contempladores e de bastantes expressões com conteúdo de satisfação, além de outras: «*bastante original e muito giro*».

Cingindo-me mais propriamente, na farda. Ia e andava revestido, com um vestido feminino. Escolhido por mim, de entre muitos, abandonados orgulhosamente, ao sabor das arcas infinitas. As pernas estavam camufladas, com as sensuais e atraentes "*meias de licra*". Os pés pedestres, para não fugir à regra, foram protegidos, por umas sapatilhas ancestrais e rasteiras e egiptanas e saldadas por 500\$00.

Durante o cortejo realizei umas acrobacias muito deslumbrantes e apetitosas. Tive de comer, trincar e mastigar vários legumes, dos vários "*Doutores*" e das várias "*Doutoras*". Eram eles constitucionalissimamente o célebre e o inesquecível tradicionalíssimo NABO<sup>&</sup>; o pimento, a cenoura e ainda a batata doce. Todavia nem todos permaneciam virgens, porque foram recheados maliciosa e habilmente, com condimentos delirantes e estimulantes! Uns com pimento, outros com picante e ainda outros com cebola, alho e vinagre.

Caloiros!!! Todos eles transformados, numas autênticas bestas. Mas como, em todo o universo existem bestas mais bestas do que outras.

Caloiros muito originais possuindo as cores da casa, identificando logo o efémero e inquilino morador. Cores transformadas em multicores, matizando e enfeitando as deslizantes ruas.

O "*cortejo*" possuía uma "*banda filarmónica*" muito estridente, sibilante, sinfónica e harmoniosa. Composta de insignes e variadíssimas latas produzindo, assim uma sinfonia instrumental, exclusiva e inédita.

Como a caminhada era desgastante e desidratante foi trazida, para Coimbra, uma nova tecnologia, no campo da boémia. Ela é a "*palhinha*" em ponto grande. Etiquetada por «*telha canal*».

O desfile finalizou-se, com o carismático e religioso baptismo, nas águas lacrimosas e lagrimáveis do Mondego. Este primeiro e inicial sacramento teve o celebrante e o polivalente meu padrinho. Desejando-me sincera e amistosamente: «**FELICIDADES**».

artigo de:  
terrassilva

---

<sup>&</sup> O legume imortal, ídolo e mascote estudantil. Talvez e indubitavelmente o mais apropriado ao portador de livros, até como o próprio nome indica, traduzindo uma realidade realíssima.

## VOZES NA LOUSÃ

No passado dia três de Dezembro de mil novecentos e noventa e oito, a Oficina de Poesia deslocou-se, a convite, à escola secundária da Lousã, com o intuito de mostrar o que se vai fazendo por esta Oficina de Coimbra.

Perante uma plateia de alunas e alunos na faixa etária entre os doze e os dezasseis anos, sensivelmente, e as respectivas professoras, a coordenadora da Oficina, Graça Capinha, começou por mostrar, em vídeo, uma "performance" levada a cabo pelo poeta norte-americano Michael Basinski e pela sua equipa. O resultado foi o espanto por entre as risadas não menos notado e notadas, também, aquando da leitura de poemas de Eugénio Melo e Castro ou Mário Cesariny. Depois e os/as poetas da Oficina terem lido os seus poemas, Graça Capinha propôs aos alunos/as que, a partir dos poemas que se tinham distribuído, escolhessem um, o rasgassem em vários pedaços e com estes escrevessem outro poema. Apesar da admiração geral, até uma professora concordou e, dos primeiros poemas, foram produzidos outros espantosos (que se me perdoe a imparcialidade) - prova de que nem sempre é a "inspiração" a funcionar e que o acaso deixa que seja a linguagem a relacionar-se "por e com ela própria".

Assim, a Oficina produziu espanto, admiração e gosto pela poesia. Para aqueles/as adolescentes a poesia terá agora valor talvez de um modo diferente: ou não teriam estado dispostos/as a dispender duas horas da sua tarde.

artigo de:  
emiliana cruz

No passado, a língua portuguesa foi considerada uma língua de fronteira, uma língua de transição, uma língua de contato. Ela foi considerada uma língua de fronteira porque ela estava entre duas culturas, duas línguas, dois mundos. Ela foi considerada uma língua de transição porque ela estava entre o português e o espanhol, o francês e o italiano, o inglês e o alemão. Ela foi considerada uma língua de contato porque ela estava entre o português e o espanhol, o francês e o italiano, o inglês e o alemão.

Porém, uma língua de fronteira não é apenas uma língua de contato. Ela é uma língua que tem uma identidade própria, uma identidade que se constrói ao longo do tempo e do espaço. Ela é uma língua que tem uma história, uma história que se constrói ao longo do tempo e do espaço. Ela é uma língua que tem uma cultura, uma cultura que se constrói ao longo do tempo e do espaço.

Michael Basinski e pela sua equipe. O resultado foi o espanhol português, uma língua que nasceu na fronteira entre o português e o espanhol. Ela é uma língua que tem uma identidade própria, uma identidade que se constrói ao longo do tempo e do espaço. Ela é uma língua que tem uma história, uma história que se constrói ao longo do tempo e do espaço. Ela é uma língua que tem uma cultura, uma cultura que se constrói ao longo do tempo e do espaço.

Como a cultura da língua portuguesa se constrói ao longo do tempo e do espaço? Ela se constrói através da literatura, da música, da arte, da ciência, da tecnologia. Ela se constrói através da história, da cultura, da identidade. Ela se constrói através da língua, da palavra, do texto.

Como a cultura da língua portuguesa se constrói ao longo do tempo e do espaço? Ela se constrói através da literatura, da música, da arte, da ciência, da tecnologia. Ela se constrói através da história, da cultura, da identidade. Ela se constrói através da língua, da palavra, do texto.

Como a cultura da língua portuguesa se constrói ao longo do tempo e do espaço? Ela se constrói através da literatura, da música, da arte, da ciência, da tecnologia. Ela se constrói através da história, da cultura, da identidade. Ela se constrói através da língua, da palavra, do texto.

Como a cultura da língua portuguesa se constrói ao longo do tempo e do espaço? Ela se constrói através da literatura, da música, da arte, da ciência, da tecnologia. Ela se constrói através da história, da cultura, da identidade. Ela se constrói através da língua, da palavra, do texto.

de  
ativa

© 2000 Editora... Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida em qualquer forma e por qualquer meio eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópias, gravações e meios de transmissão sem a autorização prévia por escrito da Editora.



## ÍNDICE

alcina marques de almeida	7
aNa B	13
ana braz	19
carla branca	25
cláudia pinto	29
cristina	36
daniel matos	44
emiliana cruz	50
joão rasteiro	56
jorge andrade	62
mécia gouveia	68
nuno filipe	74
salomão aragão	80
sandra guerreiro	86
terrassilva	92
alfonso hernández torres	98
traduções/ artigos/ notícias	104

ÍNDICE

7  
13  
19  
25  
29  
36  
41  
50  
56  
63  
68  
74  
80  
86  
93  
98  
104

alcina marquez de almeida  
ana b  
ana carz  
carla bruna  
cláudia pereira  
crisina  
daniel trator  
emiliana cruz  
jogo rasilio  
jorge andrade  
maria gotveia  
nuno rijo  
salomão magdo  
sandra guarnido  
terrasiva  
alfonso hernandes tomes  
traduções artigos noticiais

elaborado por el autor



1998



centro de estudos sociais

apartado 3087  
3000 Coimbra  
Portugal



